

**Mediação parental do uso de tecnologias digitais por crianças  
com menos de dois anos em diversos contextos culturais**

**Elena Postolache**

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Área de  
Especialização em  
Estudos dos Media e de Jornalismo**

**Junho de 2018**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação, área de especialização em Estudos dos Media e de Jornalismo, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Professora Doutora Maria Cristina Mendes da Ponte

*Dedico esta dissertação à minha filha Micaela*

## **AGRADECIMENTOS**

A presente dissertação de mestrado não poderia ser realizada sem o precioso apoio de várias pessoas.

Em primeiro lugar, queria agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Maria Cristina Mendes da Ponte, por toda a paciência, empenho e sentido prático com que sempre me orientou neste trabalho e em todos aqueles que realizei durante os seminários do mestrado. Muito obrigada por me ter corrigido quando necessário sem nunca me desmotivar.

Desejo igualmente agradecer à minha família por estar sempre calorosamente ao meu lado.

## **Resumo**

### **Mediação parental do uso de tecnologias digitais por crianças com menos de dois anos em diversos contextos culturais**

**Elena Postolache**

**Palavras-chave:** meios digitais, mediação parental, desenvolvimento infantil, cultura familiar

Na sociedade atual, desde que nascem as crianças são inseridas num mundo dominado por meios digitais. Crescem em ambientes ricos em média e apropriam-se das novas tecnologias ainda nos primeiros anos de vida. Televisão, smartphones, tablets, consolas de jogos, computadores são alguns dos recursos digitais que permeiam o seu quotidiano. Os pais são vistos como os principais mediadores relativamente ao contacto das crianças destas idades com meios digitais, tendo também um papel relevante no seu desenvolvimento e bem-estar.

No entanto, pouco se sabe sobre o desenvolvimento de hábitos digitais pelas crianças muito novas e como é que os pais e o ambiente familiar influenciam esse processo. O presente estudo faz uma tentativa de preencher essa lacuna realizando uma pesquisa empírica com quatro famílias de crianças até dois anos de idade, distintas nos seus aspetos culturais (naturalidade, religião, classe social, educação e profissão) e com residência em Portugal. O objetivo é analisar se e como a interação das crianças com tecnologias digitais nos primeiros dois anos de vida é moldada pelos modos como os pais geram acesso aos meios digitais e pelos diferentes contextos culturais dessas famílias. As conclusões do estudo indicam que o uso dos média digitais se tornou um comportamento normativo entre crianças muito pequenas, e enfatizam o quanto as novas tecnologias estão integradas nas práticas parentais e modos como estão condicionadas pelo ambiente cultural das famílias.

## **Abstract**

**Keywords:** digital media, parental mediation, child development, family culture

In today's society, children are born into a world dominated by digital media. They are growing up in media rich environments and appropriating new technologies even in their early years of life. Television, smartphones, tablets, game consoles, computers are some of the digital resources that permeate their everyday life. In this context, parents are seen as main mediators regarding children's contact with digital media, having a relevant role in their development and well-being.

However, little is known about the development of digital habits by very young children and how parents and the family environment influence this process. The present study makes an attempt to fill this gap by conducting an empirical research with four families of children up to two years of age. The four families, all living in Portugal, are different in their sociocultural aspects: place where they were born, religion, social class, education and occupation. The aim of the study is to analyze whether and how the interaction of children with digital technologies in the first two years of life is shaped by the ways parents provide their access to digital media and by the different cultural contexts of these families. The findings indicate that the use of digital media has become a normative behavior among very young children, and emphasize how new technologies are integrated into parental practices and conditioned by the cultural environment of families.

## Índice

INTRODUÇÃO .....	1
Parte I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
Capítulo 1: Perspetivas sobre desenvolvimento infantil da criança entre 0 e 2 anos : Piaget, Vigotsky, Wallon. ....	4
Capítulo 2: Características culturais da parentalidade.....	15
Capítulo 3: Mediação parental relacionada com o uso de tecnologias digitais por crianças pequenas .....	25
Parte II: QUESTÕES METODOLÓGICAS E ESTUDO EMPÍRICO	
Capítulo 4: Metodologia de pesquisa .....	37
4.1 Metodologia de estudo .....	37
4.2 Caracterização da amostra .....	39
4.3 Técnicas de recolha de dados.....	42
4.4 Método utilizado para a análise dos dados .....	44
Capítulo 5: Apresentação e análise dos dados .....	46
5.1 Apropriação das tecnologias digitais pelas crianças com menos de dois anos em diferentes ambientes familiares. ....	46
5.2 As percepções dos pais sobre as tecnologias digitais em famílias com uma origem cultural diferente do contexto cultural da sociedade onde vivem.....	57
5.3 Análise dos modos como os pais de diversas culturas geram o uso de tecnologias digitais dos filhos mais novos.....	61
5.4 A visão dos pais sobre a importância das tecnologias digitais para a família e primeira infância.....	65
CAPÍTULO 6: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÃO .....	69
Bibliografia .....	72
Anexos.....	82

## Introdução

A introdução do iPhone em 2007 marcou o nascimento dos *digitods* - uma nova geração de crianças nascidas com acesso imediato a uma vasta gama de dispositivos touchscreen (TSDs) (Holloway, 2015). Segundo o estudo europeu EU Kids Online (Holloway et al, 2013), a maioria dos bebês com menos de 2 anos, nos países desenvolvidos, tem já presença online. Um estudo recente, realizado no Reino Unido em 2015, mostra que 75% das crianças com idade entre seis meses e três anos fazem uso diariamente de tecnologias com ecrãs sensíveis ao toque, registrando um aumento de uso de 51% aos 6-11 meses para 92% aos 25-36 meses (Bedford e tal., 2017). Parece que as crianças muito novas estão ansiosas para apropriar-se das novas tecnologias digitais e, ao mesmo tempo, também há algumas evidências que comprovam a aquisição de várias habilidades técnicas para manuseá-las ainda nos primeiros dois anos de vida (Bedford e tal., 2016). Estes resultados refletem uma tendência mundial, ou seja, crianças cada vez mais jovens têm acesso a dispositivos digitais, especialmente nos países mais desenvolvidos.

Apesar disso, pouco se sabe sobre a dinâmica dos hábitos digitais das crianças na primeira infância e como é que os pais e o ambiente familiar medeiam esse processo. O presente estudo procura analisar como é que os usos digitais das crianças pequenas são moldados pelas percepções dos pais e pelos vários aspetos relacionados à família que determinam esse processo.

De acordo com a abordagem teórica da aprendizagem e desenvolvimento psicológico de Piaget, a aprendizagem nas crianças pequenas é sempre provocada por situações externas ao sujeito e resulta do comportamento de observação e imitação daqueles que o cercam (Piaget, 1997). Assim, as crianças muito pequenas podem observar e imitar os usos dos média dos seus pais e irmãos mais velhos (Lauricella, Wartella, & Rideout, 2015).. Por exemplo, as crianças com menos de dois anos são mais predispostas a ver televisão se os pais costumam utilizá-la com frequência, ou seja, os pais facilitam o tempo de acesso dos filhos à televisão por meio do próprio hábito de uso, possivelmente fornecendo um modelo implícito de consumo associado à utilização da televisão (Anderson & Hanson, 2010).

Além disso, de acordo com a teoria de que os sistemas de crenças parentais ou *etnoteorias* (Harkness e Super, 1992) formam um quadro de referência subentendido que sustenta o comportamento dos pais dentro de uma determinada cultura, compreende-se que os valores, atitudes, crenças, tradições e práticas dos pais moldam as experiências de mediação das crianças desde o seu nascimento (Gomes, 2005). Nesta perspectiva, é fundamental considerar as crenças parentais para compreender as estratégias que os pais (ou cuidadores) usam para mediar



o uso das tecnologias pelas crianças desde o seu nascimento. Um exemplo, nesse contexto, são os estudos sobre o tempo de uso dos média pelas crianças que mostram que os pais que acreditam que os média tem um impacto positivo no desenvolvimento infantil permitem que os seus filhos assistam a mais conteúdos media (Lauricella et al, 2015). Os pais podem ainda utilizar as tecnologias como forma de recompensa e gratificação (Katz, Blumler & Gurevitch, 1974) para ocupar a criança enquanto precisam de efetuar tarefas domésticas ou controlar o seu comportamento durante situações desafiadoras, como à hora de refeição ou antes de dormir (Elias & Sulkin, 2017).

As crenças parentais são também um importante aspecto do *nicho de desenvolvimento* da criança (Harkness&Super, 1992). Nesse sentido, a família é considerada como o principal mediador da organização do espaço e disponibilização dos recursos de desenvolvimento e aprendizagem da criança. O modelo desenvolvido por Harkness e Super (1992, 1996) sustenta que a partir da análise dos elementos que compõem o nicho de desenvolvimento da criança é possível compreender tanto o que pode ser observado como o comportamento dos pais, as práticas de cuidado e o desenvolvimento da criança, quanto o que é menos aparente como as idéias, crenças e valores dos pais que orientam as ações. Diante disso, as tecnologias digitais nesta pesquisa são vistas como componentes do nicho de desenvolvimento infantil, no ambiente familiar, procurando investigar a relação entre o contexto digital, a criança em desenvolvimento e as características psicológicas de seus cuidadores.

Assim sendo, partindo da conceptualização teórica do desenvolvimento sócio-cognitivo na primeira infância e das etnoteoriasparentais inseridas no nicho de desenvolvimento da criança, este estudo predende analisar como é que os modos como os pais geram acesso aos meios digitais marcam a interação das crianças com esses meios nos primeiros dois anos de vida, tendo em conta as características de desenvolvimento na primeira infância e influência de vários aspetos proporcionados pelo contexto cultural das famílias.

Para a recolha de dados foi realizada uma pesquisa empírica com quatro famílias de crianças até dois anos de idade, distintas nos seus aspetos culturais (naturalidade, religião, classe social, educação e formação) e com residência em Portugal.

Neste contexto, o objetivo deste estudo centrou-se na análise das práticas de mediação parental dos usos digitais e do processo de apropriação das novas tecnologias pelas crianças com idades até dois anos atravessando a relação entre o perfil de desenvolvimento infantil e os fatores culturais do ambiente familiar.

Face ao exposto, a presente dissertação encontra-se organizada em seis capítulos. Nos primeiros três capítulos é apresentado o enquadramento teórico do trabalho. O capítulo 1

apresenta a confrontação das teorias do desenvolvimento psicológico, propostas por Jean Piaget, Lev Vigotsky e Henri Wallon, procurando identificar os fatores que interferem no desenvolvimento humano e destacar a importância da relação de interação e mediação no processo de socialização da criança nos primeiros dois anos de vida. No capítulo 2 são desenvolvidos conceitos relacionados com a cultura e a parentalidade com o objetivo de identificar como os fatores culturais se relacionam com as crenças e as práticas parentais e quais são os efeitos de diferentes práticas educativas dos pais no desenvolvimento dos seus filhos. No 3º capítulo é feita uma abordagem teórica à investigação qualitativa focada na mediação parental do uso das tecnologias digitais pelas crianças menores de dois anos com o intuito de identificar como as práticas de mediação dos pais são relacionadas com as características familiares.

Após a revisão de literatura, no capítulo 4 é apresentada a metodologia utilizada no estudo e a caracterização da amostra. Também são descritas as técnicas utilizadas para a recolha dos dados de estudo e apresentado o método utilizado para a análise dos dados de pesquisa. De seguida, o capítulo 5 é dedicado à apresentação dos resultados deste estudo e à sua respectiva análise. Por último, o capítulo 6 corresponde à discussão e conseqüentes conclusões que emergem ao longo de todo o trabalho apresentado.

## **Enquadramento teórico**

### **Capítulo 1**

#### **Perspetivas sobre desenvolvimento infantil da criança entre 0 e 2 anos:**

#### **Piaget, Vigotsky, Wallon**

Este capítulo apresenta a confrontação das teorias do desenvolvimento psicológico, propostas por Jean Piaget (1896-1980), Lev Vigotsky (1896-1934) e Henri Wallon (1879-1962), favorecendo assim uma compreensão das concepções dos mesmos sobre a complexidade que envolve o processo de desenvolvimento infantil nos primeiros anos de vida. Quando falamos em estudar o desenvolvimento humano, é importante conhecer as características comuns da faixa etária estudada, o que nos torna mais aptos para a observação e interpretação dos comportamentos que pretendemos observar.

Diante desse contexto, o objetivo deste capítulo é identificar fatores biológicos, ambientais e psicossociais que interferem no desenvolvimento humano, segundo aqueles autores, procurando destacar a importância da relação de interação e mediação no processo de socialização da criança nos primeiros dois anos de vida. Outro aspecto é compreender através das teorias do desenvolvimento psicológico como as crianças nesta idade se relacionam com o mundo físico que as rodeia e quais são as capacidades de interpretar o mundo na interação que vai estabelecer com as pessoas e os objetos do seu meio de desenvolvimento. Espera-se também que este estudo ofereça uma base teórica para a observação da influência do fator cultural nas práticas de mediação dos pais na interação com as crianças, bem como na observação do seu comportamento em vários contextos culturais.

A partir de Piaget, Vigotsky e Wallon, a criança passou a ser vista como um ser integral, ativo e interativo com características próprias nos campos da cognição, afetividade e moralidade. Os três autores iniciaram as suas obras mais ou menos na mesma época, uma época histórica marcada por instabilidade social e política, o que pode ter influenciado no seu interesse pelo desenvolvimento do ser humano. Os três são considerados pioneiros no campo da Psicologia do Desenvolvimento. Apesar de as teorias de Piaget, Vigotsky e Wallon apresentarem afinidades e divergências sobre determinados aspetos, todos partem da mesma visão interacionista de pensar o ser humano como um ser social.

As teorias interacionistas entendem que o desenvolvimento e a aprendizagem humana ocorrem por meio da interação entre o sujeito e o meio onde está inserido. Dessa forma, o desenvolvimento infantil é visto como um processo ativo onde as crianças se desenvolvem e aprendem ao interagirem corporalmente com as coisas do seu ambiente, bem como através do raciocínio, pensamento e linguagem. (Fosnot, 1998).

Na sua concepção construtivista, Piaget coloca ênfase nos aspectos estruturais e na premissa universal biológica do desenvolvimento. Por sua vez, Vigotsky e Wallon destacam as contribuições da cultura, da interação social, da dimensão histórica e da afetividade nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, sendo chamados de socio-interacionistas.

Segue-se a apresentação dos principais pontos de pensamento de Piaget, Vigotsky e Wallon.

Jean Piaget (1896-1980), biólogo e epistemólogo suíço, construiu sua teoria ao longo de mais de 50 anos de pesquisa. A teoria piagetiana preocupa-se em compreender a origem e a evolução do conhecimento humano. Essa teoria sustenta que o desenvolvimento cognitivo se origina da adaptação da criança ao seu ambiente, buscando promover sua sobrevivência por meio da tentativa de aprender sobre seu ambiente (Piaget, 1971). Isso transforma a criança em alguém que busca o conhecimento e a compreensão do mundo, mas com uma característica importante para Piaget, que é o facto da criança operar sobre este mundo no sentido de o conhecer a partir das suas próprias experiências.

A principal questão para Piaget é como se passa de um estado de menor conhecimento para um estado de maior conhecimento. Diante desse objetivo, procura identificar quais são os mecanismos utilizados pela criança para conhecer o mundo. O foco das suas investigações é a compreensão da relação entre aquele que conhece e os objetos para conhecer. Por exemplo, entre o bebê que descobre o mundo e as pessoas e objetos com os quais interage. Para Piaget, o processo de conhecer, organizar, estruturar e explicar é determinado a partir de experiências. (PIAGET, 1971). Na sua visão, a aprendizagem é construída internamente e depende do nível de desenvolvimento da criança.

A teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget é uma teoria de etapas, uma teoria que pressupõe que todos os seres humanos passam por uma série de mudanças ordenadas e previsíveis as quais denominaram estágios e períodos do desenvolvimento. Sendo assim, o desenvolvimento cognitivo de uma criança é visto como uma evolução universal gradativa na qual o grau de complexidade aumenta simultaneamente ao nível de aprendizagem que vai ser adquirido.

Leo Vigotsky nasceu na Bielo-Rússia em 1896, no mesmo ano que Piaget, formou-se em História, Literatura, Filosofia e Psicologia e interessou-se por enfatizar o papel da interação social ao longo do desenvolvimento humano. Vigotsky teve uma intensa produção teórica, apesar de morrer ainda muito jovem, aos 38 anos. Para este autor, o conhecimento tem origens nas relações sociais e é marcado por condições culturais, sociais e históricas (Vigotsky, 2007).

Isto quer dizer que o ser humano é visto como sujeito histórico-cultural que depende de quatro planos genéticos do desenvolvimento: a *filogénese* (história da espécie humana); a *ontogénese* (história do indivíduo da espécie); a *sociogénese* (história da cultura e o meio cultural em que o indivíduo está inserido); e a *microgénese* (história de cada fenómeno psicológico do indivíduo). Assim, o seu desenvolvimento ocorre em função de características do meio social onde vive.

Para Vigotsky a vivência em sociedade é essencial para a transformação do ser biológico em ser humano. Enquanto na perspectiva interacionista de Piaget, o elemento biológico é a premissa fundamental para o desenvolvimento acontecer, para Vigotsky, o desenvolvimento biológico deixa de ser a condição principal, acentuando a questão social das interações e da cultura.

Se pensar a cultura sob a perspectiva de Vygotsky, pode-se afirmar que a criança do século XXI está imersa numa sociedade que pertence à “era tecnológica” onde as crianças desde muito cedo se apropriam de recursos tecnológicos. Isso porque os aparelhos tecnológicos estão cada vez mais inseridos no seu dia a dia e nas suas relações sociais. Compreendendo a cultura como um processo dinâmico construído pelos diferentes grupos culturais inerentes, a questão central dessa teoria é a aquisição de conhecimentos sobre o ambiente cultural próprio através de um processo de interação sempre mediado pelo outro (Rabello et Passos, 2007).

Ao observar a natureza social do ser humano que desde o nascimento é rodeado pelos familiares num ambiente cultural específico, Vigotsky defendeu a ideia de que o próprio desenvolvimento cognitivo é produto dessa convivência. Ou seja, na perspectiva desta teoria, o conhecimento não é visto como resultado da ação do sujeito sobre a realidade, tal como acontece na teoria construtivista de Piaget, mas é determinado pela mediação feita por outros sujeitos (Zacharias, 2006).

Henri Wallon (1879-1962) foi um filósofo, médico, psicólogo e político francês que se evidenciou como o primeiro teórico da Psicologia Genética a considerar não só o corpo da criança mas também as suas emoções como aspectos fundamentais para a aprendizagem. Sistematizou as suas ideias em quatro elementos básicos que coexistem e funcionam de forma integrada ao longo do processo de desenvolvimento: a afetividade, o movimento, a inteligência

e a formação do eu. O autor estudou a criança contextualizada, como uma realidade viva e total no conjunto dos seus comportamentos e das suas condições de existência. A base teórica deste autor é defender a visão da criança como ser íntegro e não dividido por partes. A criança, para Wallon, é essencialmente emocional e gradualmente vai constituindo-se em um ser sóciocognitivo.

Assim como Vigotsky, Wallon também sustenta a ideia de que o ser humano é organicamente social e que a sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se actualizar (La Taille, 1992). O seu desenvolvimento psicológico depende obrigatoriamente do contexto sociocultural, pois o desenvolvimento das habilidades cognitivas não acontece somente em função do sistema nervoso. Wallon também discorre sobre a influência do factor orgânico, que segundo ele é primário para se pensar no desenvolvimento do pensamento, mas não deixa de lado a influência do meio. Nesse sentido, a teoria do desenvolvimento cognitivo de Wallon é centrada na psicogénese da pessoa completa.

Wallon e Vigotsky criaram as suas teorias sobre o desenvolvimento infantil partindo da mesma concepção de ser humano e realidade. Ambos compreenderam que a relação do sujeito com a realidade se dá por mediações. Dessa forma, a mediação se processa pela utilização de instrumentos e signos que possibilitam, pela interação social, a transformação do meio e dos sujeitos. A diferença entre os dois consiste no que é considerada a principal mediação nessa relação: para Vigotsky é a linguagem enquanto para Wallon é a emoção, considerada como uma linguagem anterior à própria linguagem, como a primeira forma de comunicação (VIEIRA,1996). Assim, a visão psicológica walloniana coloca na sua teoria a afetividade como um dos aspectos mais importante do desenvolvimento humano.

Para Wallon o desenvolvimento da personalidade, ou seja, o desenvolvimento de todo o sistema psicológico de um indivíduo dá-se através da afetividade. Desta forma, a afetividade se expressa através de sinais basicamente orgânicos: as primeiras expressões de sofrimento e de prazer que a criança experimenta, como a fome ou a saciedade e os sinais relacionados ao social: sentimento, paixão, emoção, humor, etc. (Almeida, 2007).

Vigotsky aproximou-se da teoria de Wallon no que diz respeito à ligação direta da cognição com a afetividade. Mencionou que a psicologia tradicional perde por separar os aspectos intelectuais dos afetivos e afirmou que “os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados nas suas inter-relações e influências mútuas” (Oliveira, 1992, p.75).

Na sua epistemologia genética, Piaget reconheceu que a afetividade é o agente motivador da atividade cognitiva. Mas para este autor, a afetividade e o cognitivo são termos

complementares: “a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações” (La Taille, 1992, p.79). Ele acreditava que as estruturas afetivas eram construídas de modo semelhante às estruturas cognitivas. Para Piaget, o afecto pode acelerar ou retardar o desenvolvimento das estruturas cognitivas. O afecto acelera o desenvolvimento das estruturas, no caso de interesse e necessidade, e retarda quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual. A afetividade não explica a construção da inteligência, mas as construções mentais são permeadas pela componente afetiva. Percebe-se então que para Piaget a afetividade e a inteligência também são inseparáveis: se a criança tem problemas no desenvolvimento afetivo isto acaba por comprometer o seu desempenho cognitivo.

A contribuição de maior extensão da teoria piagetiana é a compreensão dos estágios do desenvolvimento cognitivo. Piaget ao observar o comportamento das crianças notou que o ser humano, para o alcance de um conhecimento complexo, passa por estágios de desenvolvimento: 1) o período sensório-motor nos primeiros 24 meses; 2) o período pré-operatório dos 2 aos 7 anos; 3) o período das operações concretas de 7 a 11 anos; e o período de operações formais, dos 12 anos em diante (Piaget,1994). Os estudos de Piaget revelam que a mentalidade da criança não é a de um “adulto em miniatura”. As crianças têm uma maneira única de observar, interagir e compreender o mundo que os rodeia.

Assim, para Piaget o desenvolvimento da inteligência é dividido em períodos ou estádios de acordo com a idade. Em cada etapa são adquiridos novos conhecimentos ou estratégias de sobrevivência para compreender e interpretar o seu meio, a sua realidade. Isso quer dizer que para Piaget a inteligência está ligada a priori ao desenvolvimento biológico.

Sendo assim, os estágios de desenvolvimento não são nada mais do que etapas em que a aprendizagem acompanha o crescimento e o desenvolvimento do corpo. Nesse sentido, a teoria piagetiana considera que todas as pessoas, desde que tenham um desenvolvimento normal, passam por essas fases na mesma ordem. Porém, a divisão nessas faixas etárias é uma referência, sendo que o início e o fim de cada uma delas dependem das características biológicas do indivíduo e de outros fatores educacionais e sociais.

Para Wallon o desenvolvimento se dá também em estágios, assim como na teoria de Piaget, mas através de um processo assistemático e contínuo, em que a criança oscila entre a afetividade e inteligência. Wallon reconhece o fator orgânico como o primeiro, mas não o único. Ele argumenta que o desenvolvimento se sucede por estágios descontínuos que não são demarcados pela idade cronológica, mas por conflitos que resultam da maturação, marcando alterações qualitativas no seu comportamento. Nesse sentido, a passagem dos estágios de

desenvolvimento não se dá linearmente, por ampliação, tal como na teoria do Piaget, mas pela reformulação do nível de desenvolvimento.

Os estágios do desenvolvimento propostos por Wallon são os seguintes: 1) estágio impulsivo-emocional, compreendido entre 0 e 3 meses de idade; 2) estágio expressivo-emocional, entre 3 meses e 1 ano de idade; 3) estágio sensório-motor e projetivo, compreendido entre 1 e 3 anos; 4) período do personalismo dos 3 aos 6 anos de idade; estágio categorial, dos 7 aos 11 anos; e 5) estágio da adolescência, dos 11 aos 12 anos de idade da criança. Cada estágio é determinado pelas atividades que correspondem aos recursos que a criança dispõe naquele momento para interagir com o ambiente (Galvão, 2000).

Tendo em conta que se trata de um estudo com crianças com faixa etária entre 0 e 2 anos de idade, o presente trabalho analisa apenas as características comuns do primeiro estágio descrito pelo Piaget e dos primeiros dois estágios identificados por Wallon. O foco principal é entender e descrever o comportamento das crianças desde o nascimento até 2 anos de idade.

O primeiro estágio citado por Piaget é chamado de sensório-motor e envolve as evoluções da criança entre o nascimento e os dois anos de vida. É denominado assim porque a inteligência nessa etapa se desenvolve a partir de experiências sensoriais e evolução dos movimentos. Piaget considera que este período, em que ocorre um extraordinário desenvolvimento intelectual, é decisivo para todo o seguimento da evolução psíquica. Segundo Piaget, o primeiro ano de vida da criança é o período da infância em que o desenvolvimento é muito acelerado. (Pasqualotti et al, 2008).

Para Piaget este estágio é composto de seis sub-estágios. O autor explica que nos primeiros cinco subestágios os bebês aprendem a coordenar as informações do sentido e organizar suas atividades em relação ao seu ambiente – sensação e percepção. O contacto com o meio é direto e imediato, sem representação ou pensamento. Já no sexto sub-estágio, a criança vive o início do simbolismo, que ocorre com o início da premeditação de suas ações, utilização de símbolos e conceitos para resolver problemas simples e desenvolvimento da ideia de objeto permanente.

É importante observar que para Piaget o conhecimento se dá por descobertas que a própria criança faz. O começo do conhecimento se constrói a partir dum processo de adaptação do sujeito ao objeto de conhecimento. O processo de conhecimento possibilita situações novas, desafiadoras para o indivíduo e causa-lhe desequilíbrios que são necessários para o avanço do seu desenvolvimento.

Também Wallon propõe estágios de desenvolvimento da criança, mas não especifica idades limite, pois acreditava num desenvolvimento dialético e interacionista.



O estágio impulsivo-emocional, que vai do nascimento até aproximadamente ao primeiro ano de vida, é um estágio predominantemente afetivo. Marcado pela preponderância da afetividade e das emoções, conduz as primeiras reações do bebê em relação às pessoas à sua volta, mediando sua relação com o meio físico. A criança é o centro da atenção, necessitando constantemente do auxílio de pessoas para o progresso do seu desenvolvimento. A importância dessa atenção refere-se ao desenvolvimento psíquico e físico. Os primeiros gestos são manifestados a partir da emoção. A simbiose fisiológica dá lugar à simbiose emocional a partir da significação que o social dá ao ato motor da criança, que se expressa no sorriso e nos sinais de contentamento (Wallon, 1981).

No estágio impulsivo-emocional, que acontece no primeiro ano de vida, há predominância da afetividade e das emoções, conduzindo as primeiras reações do bebê em relação às pessoas à sua volta, mediando sua relação com o meio físico, a criança é o centro da atenção, necessitando constantemente do auxílio de pessoas para o progresso do seu desenvolvimento.

Dos três meses de idade até aproximadamente o terceiro ano de vida, a criança passa pelo estágio sensório-motor e projetivo. Para Wallon esta etapa é marcada pelo domínio da interação entre criança e meio. É uma fase onde a inteligência predomina e o mundo externo prevalece nos fenômenos cognitivos. A criança já começa a atuar concretamente sobre o seu mundo e gradativamente torna-se capaz de se diferenciar dos outros. Nesse estágio, os pensamentos se projetam em atos motores. Wallon atribui muitas características ao ato motor que além de seu papel na relação com o mundo físico, tem uma função fundamental na afetividade e também na cognição (GALVÃO, 1995). Antes de agir diretamente sobre o meio físico, o movimento atua sobre o meio humano, mobilizando as pessoas pelas emoções. Para esse autor, o movimento da criança é um elemento que consegue traduzir a vida psíquica, pelo menos até o momento em que aparece a palavra.

Sob outra perspectiva, Vigotsky aponta para o facto de que não se pode falar de um conceito único de desenvolvimento humano, mas de diferentes tipos de desenvolvimento. Assim sendo, ele enfatiza a diferença entre o desenvolvimento que está sujeito às regras biológicas da maturação e o desenvolvimento mental, que tem como base exatamente a aprendizagem que a criança realiza no contexto social em que está inserida. Com relação a este tipo específico de desenvolvimento, pode-se dizer que Vigotsky defende que o desenvolvimento depende da aprendizagem. A partir dessa visão, fica clara a importância que Vigotsky dá aos mediadores do conhecimento, sejam eles pessoas adultas ou indivíduos da mesma idade. Para Vigotsky, a constituição social da condição humana pressupõe a mediação de um outro e essa é uma ideia

central para a compreensão das suas concepções sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico.

Na teoria histórico-cultural de Vigotsky (1991) o desenvolvimento humano ocorre por meio do processo em que o mundo passa a ter significado para criança, que se vai tornando um ser cultural, a partir das interações estabelecidas com o outro. Para ele, o sujeito não é apenas ativo (como em Piaget), mas também é interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais. A relação do indivíduo com o mundo não é direta, mas essencialmente mediada, necessitando da presença de um elemento mediador. A mediação na teoria Vigotskyana é considerada como “o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (Oliveira, 1997, p. 26). Oliveira (1997) destaca que, na perspectiva Vigotskyana, o elemento mediador que intervém na relação da criança com o meio é o outro sujeito mais experiente. A apropriação do mundo cultural só pode acontecer pela participação do outro através de gestos, palavras e ações com significação para o outro e que, posteriormente, vão adquirir significação para a própria criança.

Vigotsky observa que a criança apresenta em seu processo de desenvolvimento um nível que ele chamou de real e outro potencial. (Vigotsky, 2007). O nível de desenvolvimento real refere-se a etapas já alcançadas pela criança, isto é, as coisas que ela já consegue fazer sozinha, sem a ajuda de outras pessoas. Já o nível de desenvolvimento potencial diz respeito à capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de outros. Há atividades que a criança não é capaz de realizar sozinha, mas poderá conseguir caso alguém lhe dê explicações, demonstrando como fazer. Essa possibilidade de alteração no desempenho de uma pessoa pela interferência da outra é fundamental em Vigotsky. Para este autor, a aprendizagem é o produto da ação de mediação dos adultos no processo de aprendizagem das crianças. Esse processo de mediação, onde o adulto usa ferramentas culturais tais como a linguagem e outros meios, é um processo de internalização, no qual a criança domina e se apropria dos instrumentos culturais como os conceitos, as idéias, a linguagem, as competências e todas as outras possíveis aprendizagens. Para ele, portanto, o desenvolvimento dos processos cognitivos superiores, é resultado de uma atividade mediada. Mediador é aquele que ajuda a criança a alcançar um desenvolvimento que ela ainda não atinge sozinha.

Já para Piaget, a criança é o autor do seu conhecimento e ninguém poderá fazer isto por ela, mas ainda, segundo ele, é a aprendizagem que depende do desenvolvimento, ou seja, ela vai depender do nível de desenvolvimento em que a criança se encontra. É certo que Piaget coloca uma grande ênfase na atividade do sujeito, mas, segundo ele, é a partir dos mecanismos epistêmicos de como se pensa que a criança pode formular e reformular as idéias que o mundo

adulto lhe oferece ou seja a presença de algumas características é fundamental para que se realiza a mediação.

A seguir, apresenta-se uma síntese comparativa (Tabela 1) entre as três teorias analisadas neste estudo para facilitar uma melhor compreensão das principais abordagens feitas ao fenómeno de aprendizagem e desenvolvimento humano, segundo os seus autores.

Tabela 1. Quadro comparativo das concepções de aprendizagem entre os teóricos Piaget, Vigotsky e Wallon

<b>Autor</b>	<b>Piaget</b>	<b>Vigotsky</b>	<b>Wallon</b>
<b>Perspetivas teóricas</b>	<b>Interacionismo construtivista</b>	<b>Sócio-interacionismo</b>	<b>Sócio-interacionismo construtivista</b>
<b>Abordagem do desenvolvimento humano</b>	O conhecimento se constrói através da interação com o meio físico.  Aprendizagem  =  Sujeito → meio	O desenvolvimento cognitivo resulta das relações sociais entre os membros do mesmo grupo cultural através do processo de interação e mediação	O desenvolvimento e a aprendizagem são determinados pela integração entre afetividade inteligência e maturação biológica.
		Aprendizagem = meio → sujeito	
<b>Enfoque da teoria</b>	Maturação biológica	Interação social no ambiente histórico-cultural	A afetividade como elemento mediador das relações sociais no processo de aprendizagem.
<b>Estágios de desenvolvimento</b>	Estágios de desenvolvimento sequenciais e universais	Não aceita visão universal do desenvolvimento	Desenvolvimento é um processo contínuo, mas não uniforme.
<b>Relação entre desenvolvimento físico e cognitivo do sujeito</b>	A aprendizagem depende do desenvolvimento biológico	A aprendizagem precede o desenvolvimento	A aprendizagem e o desenvolvimento são processos complementares
<b>Relação do sujeito com o mundo</b>	O conhecimento é construído do sujeito para o social. O sujeito é autónomo na construção do seu conhecimento	De social para o individual. A aquisição de aprendizagem é sempre mediada pelos outros sujeitos mais experientes	De social para o individual. O processo de aquisição do conhecimento é mediado pela afetividade
<b>Relação linguagem - pensamento</b>	O pensamento é anterior a linguagem	A linguagem estrutura o pensamento	

Finalizando este capítulo, vimos que Piaget, Vigotsky e Wallon desenvolveram estudos de fundamental contribuição para a compreensão do desenvolvimento e reconhecimento da importância das interações sociais no processo de elaboração do conhecimento. Os três autores tentaram mostrar que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir das trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio.

Tanto Vigotsky como Wallon concordam que o ser humano se constrói na relação com o outro, nas suas interações com o meio social e através de mediações, transformar a natureza e ser transformado por ela. Para Vigotski o elemento mediador dessa relação é a cultura e a linguagem, para Wallon é a emoção. Piaget, embora não negue o papel do meio social no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, busca focar os seus estudos na cognição.

Para Vigotsky, a criança nasce inserida num meio social, que é a família, e é nela que estabelece as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros. Vigotsky entendia que as crianças, desde o nascimento, estão em constante interação com os adultos, que ativamente procuram incorporá-las na sua cultura. No início as respostas das crianças são dominadas por processos naturais, biológicos, mas é através da mediação dos adultos que seus processos psicológicos mais complexos ganham forma.

Partindo da ideia da teoria histórico-cultural de Vigotsky, de que a aprendizagem ocorre principalmente em processos mediados de relações sociais, pode-se afirmar que o meio familiar se apresenta como privilegiado para que aconteça esta apropriação e os pais são vistos como os primeiros agentes mediador deste processo de apropriação socio-cultural.

Em síntese, na primeira infância, o desenvolvimento e a aprendizagem ocorrem, fundamentalmente, através das interações com adultos significativos, da construção de laços de vinculação, da observação, de jogos sociais, das ações com objetos, da exploração sensório-motora do espaço e de materiais, da repetição, do envolvimento da criança em contextos de aprendizagem significativos. A descrição dos estágios de desenvolvimento propostos por Piaget e Wallon verifica que a criança até aos 2 anos mostra capacidade para pensar sobre o mundo e sobre si mesma na interação que estabelece com as pessoas e os objetos.

O que importa destacar é que a interação da criança com o mundo e com as ferramentas próprias deste mundo não se refere simplesmente aos objetos que constituem o universo infantil próximo, ou seja, aqueles objetos com os quais a criança opera. Ao contrário, a criança procura se relacionar com objetos com os quais os adultos operam, mas que ela ainda não é capaz de operar de modo autónomo. A contradição entre o desejo da criança de agir sobre as coisas e a

impossibilidade de fazê-lo exatamente por ainda não dominar as operações exigidas pelas condições objetivas reais da ação dada só pode ser solucionada pela atividade lúdica. De acordo com Vigotsky (Leontiev, 2001), essa atividade lúdica não é uma atividade produtiva, o seu objetivo não é um determinado resultado, mas sim a ação em si mesma. É uma atividade objetivamente determinada pela percepção que a criança possui do mundo e pelo seu desejo de apropriar-se dele. Conforme salienta Leontiev (2001): durante o desenvolvimento da consciência do mundo objetivo, a criança tenta compreender e apreender não apenas coisas que lhe são diretamente acessíveis, mas também aquilo que tem relação com o mundo mais amplo. Isto é, “a criança se esforça para atuar como um adulto” (Leontiev, 2001, p.120).

Em conclusão, sintetizando os principais aspectos das teorias de desenvolvimento dos mais importantes representantes do interacionismo: Piaget, Wallon e Vygotsky, observa-se que o processo de desenvolvimento e aprendizagem infantil é determinado por vários fatores, entre os quais se destacam a relação entre a capacidade de interação da criança com o seu ambiente e a apropriação deste ambiente por meio da mediação. Desta forma, pode-se concluir que os pais, como principais cuidadores, influenciam o desenvolvimento da criança, organizando espaços e tempos, estabelecendo relações e propondo experiências envolventes do repertório cultural das famílias e da sociedade onde vivem, proporcionando às crianças apropriação de objetos da cultura presente no dia a dia da família, tais como os meios digitais.

## Capítulo 2

### Características culturais da parentalidade

Esse capítulo apresenta alguns conceitos principais relacionados com a cultura e a parentalidade. O seu objetivo é ver através da revisão de literatura como os fatores culturais se relacionam com as crenças e as práticas parentais e quais são os efeitos de diferentes práticas educativas dos pais no desenvolvimento dos seus filhos.

Desde o nascimento os pais são das pessoas mais importantes na vida de uma criança. As crianças aprendem e dependem dos seus pais que são responsáveis por supervisionar, educar e crescer os seus filhos num ambiente seguro. Cole (1998) entende a natureza humana como o produto biossocial e cultural de um longo processo evolucionário. Segundo esse autor, os bebés já nascem como seres culturais que interagem e comunicam como as pessoas ao seu redor. Mesmo antes do nascimento, os bebés já se encontram inseridos num meio cultural. No ambiente familiar em que iniciam a vida, interagem com os pais, portadores de valores, crenças e atividades mediadas pelos instrumentos desta cultura.

Os estudos mostram que o percurso do desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e social nos primeiros anos de vida da criança pode ser influenciado por diversos fatores relacionados com as interações e o ambiente familiar (Minuchin, Colapinto & Minuchin, 1999). Dessa forma, Sigolo (2004, p.189) descreve a família como um "espaço de socialização infantil" com função de "mediadora na relação entre a criança e a sociedade". Essa visão permite perceber que nas interações familiares são transmitidos "padrões de comportamentos, hábitos, atitudes e linguagens, usos, valores e costumes " e são desenvolvidas "as bases da personalidade e da identidade " da criança (ibidem, p.189)

De acordo com Szymanski (2004, apud Silva Nancy, 2008), a criança, ao nascer encontra um mundo organizado pela sociedade e assimilado pela família, que, por sua vez, também carrega uma "cultura própria". Essa cultura familiar específica apresenta-se "impregnada de valores, hábitos, mitos, pressupostos, formas de sentir e de interpretar o mundo", que definem diferentes maneiras de mediação no contexto familiar. Assim, observa-se que os pais procuram agir de forma que os seus filhos adquiram os valores familiares, mesmo que não o façam de forma consciente.

Há muitos estudos que exploram o que os pais pensam sobre seus filhos, quais são as suas expectativas, o seu desenvolvimento, os valores que pretendem passar, as suas atitudes em relação à maternidade e à criança (Melchiori et al., 2007, p.245-246) e que salientam que a

maneira de agir dos pais decorre do seu sistema de valores a respeito do que é melhor para o filho. Estes estudos vão assim além da “definição” ou “representação” do que a criança é, como se desenvolve e de que maneiras e em que extensão eles podem ser ajudados a alcançar novos objetivos. Essas definições, semelhantes a outros processos cognitivos complexos, têm uma base cultural histórica e podem variar conforme as condições de vida e com o acesso do indivíduo ao conhecimento (Melchiori et al., 2007, p.246).

Todas as sociedades prescrevem certas características que se esperam que as pessoas adquiram, tais como valores parentais, comportamentos e modelos de relação pai-filho e proíbem certas tendências e comportamentos que devem ser evitados pelos seus membros para ter uma boa convivência na sociedade. Algumas dessas prescrições e proibições podem ser universais em todas as culturas, como por exemplo, o dever dos pais de alimentar e proteger as crianças. Nessa ordem de ideias, Keller (2007) defendeu a existência de um padrão universal de comportamentos parentais.

Para esse autor (Keller, 2002, 2007), as interações do bebê com seus cuidadores nos primeiros dois anos de vida são organizadas de acordo com a predominância de sistemas parentais universais que resultam das capacidades de cuidar da espécie humana. No modelo mencionado, são descritos seis sistemas parentais. O sistema de cuidados, considerado o mais antigo em termos de filogênese, envolve um conjunto de atividades para atender às necessidades do bebê (banho, alimentação etc.) O segundo sistema é o de contato corporal que consiste em favorecer posições em que o contato corporal é predominante. O sistema de estimulação corporal também é baseado na comunicação através do corpo e envolve a estimulação motora do bebê. A estimulação por objetos tem por objetivo apresentar à criança o mundo dos objetos e o ambiente físico em geral e está relacionada a atividades exploratórias. O sistema do contacto visual caracteriza-se, basicamente, pelo contato mútuo através do olhar e o sexto sistema, o envelope narrativo que consiste na mediação simbólica em que o bebê é envolvido através da fala da mãe.

Segundo evidências de estudos realizados por Keller, esse padrão comportamental está presente em todas as culturas, ou seja, todas as mães, independentemente de sua cultura de origem, adotam comportamentos de diferentes sistemas. Esses resultados apoiam a versão de universalidade de Keller. Esse padrão comportamental tem a função universal de garantir a sobrevivência do bebê e também ajudar a construir a imagem de si e dos outros. No entanto, Keller afirma que a cultura determina as combinações entre os sistemas e a proporção em que eles são adotados.

O tema da cultura e da parentalidade sempre ocupou um lugar central nos estudos de antropologia, e mais recentemente tornou-se termo de pesquisa na área da psicologia do

pensamento (Harkness & Super, 2002). De ponto de vista antropológico e psicológico, a cultura dos pais, no que se refere às suas crenças e práticas de educação dos seus filhos, é formada por uma história sociocultural, em que as crenças culturais presentes no cotidiano das famílias formam o comportamento da família em relação ao bebê e é determinada por crenças culturalmente compartilhadas (Super & Harkness, 2009).

Muitos estudos e pesquisas em psicologia tentaram compreender o papel mediador dos pais e diferenciar vários estilos educativos parentais e os seus efeitos no desenvolvimento infantil. De acordo com Darling e Steinberg (1993) o estilo parental define-se como sendo a forma como os pais se relacionam com os filhos. Os estilos parentais dizem respeito “a um conjunto de atitudes dos pais que cria um clima emocional em que se expressam os comportamentos dos pais, os quais incluem as práticas parentais e outros aspectos da interação pais-filhos” (Darling & Steingber, 1993, p. 488). Estas atitudes incluem comportamentos específicos, que são orientados por objetivos através dos quais os pais exercem as suas funções parentais e comportamentos parentais, tais como gestos, mudança no tom de voz ou na expressão espontânea da emoção (Darling & Steinberg, 1993). "Exprime-se também por um conjunto de estratégias que os pais utilizam no seu quotidiano com os filhos e que visa instruí-los em aptidões em diferentes domínios (académico, social, afectivo) e em determinados contextos" (Muro e Silva, 2018, p.55). Ou seja, é uma forma de controlo em que se usam explicações, punições e recompensas numa supervisão e disciplina consistentes. No entanto, é necessário saber distinguir os conceitos: estilos parentais e práticas parentais. Darling e Steinberg (1993) afirmam que os estilos parentais dizem respeito a um contexto onde os pais educam os seus filhos de acordo com as suas práticas parentais, ou seja, têm em conta os seus valores e as suas crenças. Assim, segundo estes autores, as práticas referem-se a comportamentos interativos entre os pais e a criança, de forma a repreender ou a incentivar determinados comportamentos nos filhos. Esse modelo evidencia que os estilos parentais estão sempre presentes nas atitudes dos pais, influenciando todo o processo de desenvolvimento da criança, enquanto as práticas parentais podem variar de situação para situação.

Baumrind (1971), por exemplo, propôs a existência de três estilos parentais distintos: o estilo autoritário, o estilo autoritativo e o estilo indulgente. No estilo autoritário, os pais tentam controlar e modelar o comportamento da criança segundo normas pré-estabelecidas e rígidas que normalmente não são explicadas ou discutidas. A obediência por parte da criança é um aspecto ao qual os pais conferem bastante importância. Quando existem comportamentos desadequados ou situações de conflito, os pais preferencialmente utilizam castigos e punições. São pouco frequentes as atitudes relacionadas com o fornecimento de apoio emocional e afecto, por parte dos pais autoritários. No estilo autoritativo, os pais aplicam as regras e as normas de forma racional, explicando à criança os motivos de tais manifestações. Incentivam o diálogo e



reconhecem os interesses da criança, mas também exercem controle e autoridade quando existem situações de conflito ou de comportamento desadequado. No estilo indulgente, os pais agem de forma não-punitiva, sendo normalmente bastante receptivos aos desejos dos filhos e pouco exigentes na aplicação de normas ou regras. No estilo negligente, os pais são pouco disponíveis para responder aos pedidos dos filhos e pouco autoritários na aplicação de regras e normas. Na maioria das vezes, preocupam-se apenas em atender às solicitações dos filhos, de forma a cessar as mesmas no imediato.

Ao avaliar a eficácia de cada estilo parental, verificou-se que os resultados mais positivos foram encontrados em crianças educadas segundo o estilo autoritativo, nomeadamente no que diz respeito a níveis mais elevados de maturidade, assertividade, autonomia e responsabilidade social (Tineco et al., 2011). Contudo, estudos de vários países da Europa constatarem claramente que houve uma forte tendência de mudança em que as práticas democráticas substituem as práticas autoritárias. (Montandon & Longchamp, 2003). Os principais e mais importantes fatores que determinaram essa tendência são o aumento geral do nível de educação, a emancipação das mulheres ou ainda a democratização das relações de gênero do casal (complementaridade de papéis, procura de igualdade).

Várias pesquisas tentaram separar os fatores que influenciam os estilos de práticas e atitudes educativas dos pais e o efeito destas sobre as crianças. (Montandon, 2005). Um primeiro conjunto de pesquisas tentou explicar as práticas dos pais pelas estruturas familiares, procurando mostrar que existe uma relação entre a composição das famílias (número de filhos na família e gênero) e outras características (separações, divórcio, recomposição familiar), e as práticas educativas dos pais (Baumrind, 1980). Assim, os mesmos autores acharam que o sexo da criança influencia os modos de educação, como por exemplo, os pais serem mais exigentes com as suas filhas do que com os seus filhos ou que o divórcio dos pais tem efeitos negativos sobre suas práticas educativas.

Um segundo conjunto de trabalhos tentou explicar as práticas educativas dos pais em relação à classe social da família. Segundo eles, os pais de classe média tendem manifestar mais autocontrole nas interações com a criança, estabelecem regras para organizar disciplinas, negociam e recorrem a punições e recompensas com o objetivo de incentivar a criança ao longo do seu desenvolvimento. Em contraste, os pais das classes baixas são menos motivados a elaborar um projeto educativo para seus filhos e a dedicar tempo para explicar os motivos das suas exigências. Eles tendem aplicar punições e recompensas sem se preocupar com os efeitos dos mesmos comportamentos na sua educação (Gecas, 1979). Por outro lado, essa abordagem não permite considerar particularidades e nuances de atitudes e práticas dentro dos meios sociais.

Além do pertencimento a uma classe social as práticas educativas dependem de muitos outros fatores que se devem levar em conta (Clark, 1983; Lahire, 1995), como por exemplo, a

evolução do contexto familiar com o tempo, a história da família, o tipo de funcionamento familiar, a integração da família na comunidade etc.

Um outro aspeto importante na pesquisa do desenvolvimento da criança é o seu relacionamento com os pais. Essa visão afirma que a parentalidade não é influenciada só pelas crenças dos pais, mas também pelo comportamento individual da criança (Kuczynski, 2003).

Na medida em que os estilos parentais não conseguiram explicar os efeitos das práticas educativas sobre o desenvolvimento da criança, os estudos sobre os valores e as crenças afiguraram-se como determinantes para a compreensão do fenómeno de parentalidade.

Desta forma, no modelo integrativo proposto por Harkness & Super (2002) (ver fig. 1), os estilos parentais e as práticas parentais resultam diretamente de objetivos e valores dos pais. Segundo os mesmos autores, as atitudes parentais influenciam o desenvolvimento das crianças em vários processos, sendo que as práticas parentais têm um efeito direto num determinado comportamento específico da criança. Através deste modelo é possível compreender como a cultura influencia diretamente no desenvolvimento da criança através da parentalidade. O comportamento das crianças no processo de socialização influencia também as práticas parentais no seu desenvolvimento.

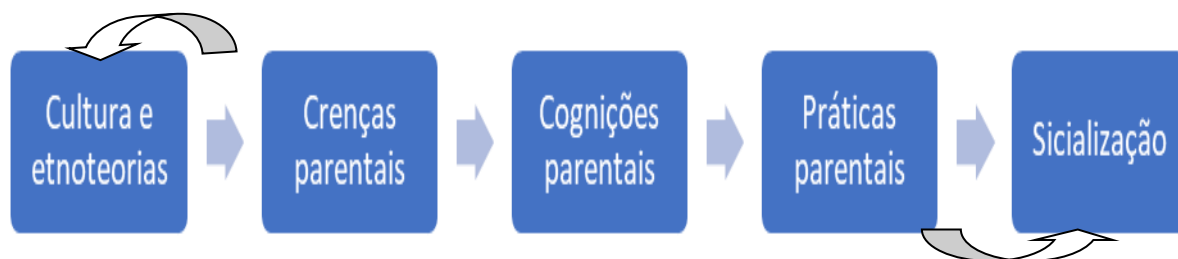


Figura 1 - Abordagem cultural da parentalidade (adaptado de Harkness & Super, 2002)

Dois conceitos são particularmente importantes para abordar a questão da parentalidade à luz das particularidades culturais. O primeiro desses conceitos é o do nicho de desenvolvimento. O conceito de nicho foi introduzido por Harkness e Super (1999) numa abordagem antropológica e psicológica do desenvolvimento infantil, para determinar as circunstâncias de desenvolvimento de crianças em diferentes culturas. Esta abordagem concentra-se na regulação cultural do microambiente da criança, a fim de compreender os processos de desenvolvimento e aquisição da cultura. O microambiente em que a criança se desenvolve num determinado momento é chamado de conceito de nicho. Esse nicho é caracterizado por três componentes:

1. O ambiente físico e social de desenvolvimento refere-se ao efeito do espaço físico

como, por exemplo, os objetos disponibilizados e da dinâmica das relações estabelecidas entre o sujeito e os atores sociais, tais como educadores, que exercem algum papel sobre o desenvolvimento da criança (Super, & Harkness, 1999).

2. A psicologia de quem cuida da criança envolve as crenças dos cuidadores ou psicologia dos cuidadores, suas teorias implícitas sobre o desenvolvimento e a educação da criança como outro fator que implica efeitos diretos sobre o desenvolvimento da criança, englobando crenças e valores sobre infância e desenvolvimento. Assim, em função destas crenças e valores o cuidador organiza suas estratégias de cuidado com a criança, decidindo o que é mais adequado de acordo com a idade e o sexo dela (Harkness, & Super, 1999). As crenças parentais são geradas pela experiência cultural de parentalidade acumulada durante as gerações, indicando modelos de comportamento relacionados com o papel da parentalidade (Harkness, & Super, 1996).
3. As práticas daqueles que cuidam da criança referem-se aos comportamentos de cuidado que são fortemente influenciados pela comunidade cultural na qual o cuidador pertence, fator que justifica estas práticas como óbvias e sem necessidade de contestação por estarem associadas aos costumes diários. (Super, & Harkness, 1999).

Em todas as culturas, desde o nascimento da criança que o seu ambiente é organizado de modo a promover a aquisição educacional de certas habilidades e a transmissão de certos valores. É com esse propósito que vários nichos de desenvolvimento coexistem e se sucedem ao longo da vida. Os nichos são em grande parte culturalmente determinados a partir do que cada cultura considera apropriado para o bom desenvolvimento das crianças.

Nesta perspectiva, a cultura influencia o desenvolvimento da criança, garantindo uma organização considerada apropriada para os nichos de desenvolvimento. Assim, em culturas ocidentais e industrializadas, as crianças têm à sua disposição objetos especialmente construídos para elas (brinquedos, livros infantis etc.), tal como o espaço criado e organizado de acordo com a faixa etária da criança, propondo desafios cognitivos e motores que a farão avançar no desenvolvimento das suas potencialidades (creches, ambientes de aprendizagem, quarto pessoal da criança, etc.). O exemplo do contexto escolar e o modo como a educação é oferecida no jardim de infância, depois nas escolas primárias e secundárias e, finalmente, nas escolas superiores e universitárias, é uma ilustração interessante da evolução desses nichos de desenvolvimento nas culturas ocidentais. No entanto, noutras culturas, especialmente no meio rural, a criança permanece em contato físico com os seus pais por muitos anos. A criança é autorizada a explorar objetos usados por adultos e espaços destinados por adultos (por exemplo, no artesanato tradicional ou na agricultura). Este tipo de nicho é propício para a transmissão de know-how e exemplos de experiências que garantem a continuidade e coesão do grupo social.

O segundo conceito é o de *etnoteorias parentais*. As etnoteriais parentais são ideias sobre a educação dos filhos e sua influência na saúde e desenvolvimento das crianças (Roskam Isabelle, 2010, p.61). Neste sentido, elas podem estar ligadas com o conceito de "nicho de desenvolvimento", uma vez que englobam os valores e as crenças daqueles que cuidam da criança.

De acordo com Harkness e Super (2002), as etnoteorias parentais são modelos culturais ou um conjunto organizado de ideias dos pais sobre como compreender a infância e a prática de cuidado da criança. O termo "modelo cultural" vem da antropologia cognitiva e indica um conjunto organizado de ideias que são compartilhadas por membros de um grupo cultural (D'Andrade & Strauss, 1992). As forças culturais são percebidas através das crenças e atitudes parentais e as etnoteorias representam:

*“As influências homogeneizadas culturalmente nos pais. As culturas providenciam aos seus membros modelos implícitos ou explícitos de criação de um filho/filha que gera etnoteorias uniformes (...) isso inclui como cuidar de uma criança, quais são as características desejáveis da criança ter orientações em relação à família, ao trabalho, e especificamente ao trabalho materno (...)”* (Harkness & Super, 2002, p.271, apud Novaes, 2015, p.30)

Ao mesmo tempo, as etnoteorias inseridas no nicho de desenvolvimento são partes dos *modelos culturais*, que são sistemas amplos que englobam uma série de ideias relacionadas com diversos temas, organizadas e compartilhadas pelos membros de um grupo cultural, geralmente vistas como verdadeiras e traduzidas em práticas (Harkness et al., 2002).

Três modelos culturais de self têm sido identificados e estudados em função de seus impactos nos processos de socialização e desenvolvimento da criança.

O primeiro deles é o modelo cultural independente, que enfatiza a construção do self como único e distinto, priorizando interesses individuais e focando-se nas necessidades e direitos do indivíduo. Nesse modelo predominam as dimensões de autonomia e separação, característicos de uma sociedade urbana pós-industrial e com alto nível de escolaridade (Keller et al., 2007).

No segundo modelo, denominado interdependente, o self está fortemente relacionado com os membros do grupo em que está inserido, sendo priorizados interesses coletivos e focalização nos deveres e obrigações sociais. Nesse tipo de orientação predominam as relações de dependência e submissão, características em ambientes rurais com economia de subsistência (Keller et al., 2007).

O último é o modelo autônomo-relacional (Kagiçitbasi, 2007) e compreende

características combinadas de ambos os modelos anteriores, englobando autonomia e relação. Nesse caso o self guia suas ações, mas está relacionado interpessoal. Esse modelo é representativo no caso das famílias de classe média, com alto nível de escolaridade, nos meios urbanos das sociedades tradicionalmente interdependentes.

Um componente dos modelos culturais que será investigado na presente pesquisa é o “alocentrismo” familiar, que se caracteriza pelo grau de vinculação do adulto com a sua família de origem, com qual partilha sentimentos de solidariedade, integridade, reciprocidade e respeito (Keller et al., 2007).

Dessa forma, entende-se que as etnoteorias correspondem às idéias implícitas, processos inconscientes e amplamente compartilhados pelos membros de uma mesma cultura, sobre o que é bom ou não para a criança, o que é justo ou não, a forma como deve ser reagir ao comportamento da criança. Elas são modelos culturais que representam as ideias que os pais têm sobre crianças, famílias e seu papel parental. As etnotorias determinam em grande parte as práticas educacionais dos cuidadores e a organização do cotidiano das crianças e suas famílias. Em diversas sociedades, podem observar-se diferentes papéis dos significados culturais no cuidado e atenção à criança. (Novaes, 2015, p.30).

Por sua vez, as diferentes formas de lidar com a chegada do bebê na família e na comunidade promovem padrões característicos de personalidade da criança referentes à própria cultura, incluindo ansiedade, conflitos e sistemas de defesa (Harkness & Super, 2002). Por exemplo, a autonomia que diferentes culturas concedem às crianças nos primeiros anos de vida. Nas sociedades do norte europeu, por exemplo, as crianças são incentivadas desde cedo para serem autónomas, fenómeno que para a grande maioria dos pais é perfeitamente óbvio e necessário para preparar as crianças para se tornarem adultos socialmente competentes nessas culturas, amplamente caracterizadas pelo individualismo e pela competitividade. Enquanto isso, nas sociedades do sudoeste europeu as crianças continuam muito ligadas aos pais até aos três anos de idade e é só nessa altura que as crianças vão começar a separar-se pela primeira vez da mãe, conseguir superar seus temores e formar sua própria identidade (Roskam, 2010).

Um estudo realizado de UNICEF em 2014 sobre a violência contra as crianças mostrou que as práticas dos pais autoritários em alguns países - como por exemplo Ucrânia e Roménia que apresentam níveis elevados de violência em crianças - não têm a mesma conotação negativa que têm noutros países europeus. Elas são consideradas uma dimensão normal da função educativa dos pais e não são associadas aos actos de violência física ou algum sentimento de culpabilidade. Esse exemplo mostra como as práticas educativas são indissociáveis da questão da crença da legitimidade de um acto, de um saber ou de uma prática, ou seja de um contexto cultural.

Outros fatores importantes são as representações que as famílias têm da infância, dos

filhos ou ainda da autoridade. Essas representações estão vinculadas ao meio social dos pais, e também relacionadas com as suas experiências e origens culturais. Assim entende-se que os pais interpretem e dêem significado à sua ação, como educadores, de acordo com suas referências culturais. Esse fator é relevante para justificar a presença da cultura no processo de parentalidade e na forma como os valores e as crenças individuais e comuns interferem na educação da criança (Goodnow, 2010).

As práticas de *cosleeping* são um outro bom exemplo para mostrar como se aplicam as etnoteorias nas práticas parentais. *Cosleeping* ou partilha de cama, é uma prática milenar que tem vindo a aumentar nas sociedades ocidentais onde as crianças são encorajadas a dormir sozinhas na própria cama no seu quarto desde as primeiras semanas de vida. Nessas sociedades a prática de *cosleeping* é considerada inadequada e potencialmente prejudicial ao desenvolvimento da autonomia da criança e é associada a vários riscos como a sufocação da criança pelo adulto, a redução da qualidade do sono e privação da intimidade do casal. Além disso, a prática de dormir sozinha é também pensada como uma necessidade que garante o direito de espaço individual, privado do bebé. Mas a prática de *cosleeping* está hoje naturalizada em muitas outras culturas onde é considerada como uma forma de proteção da criança e um meio pelo qual são transmitidos os valores de coesão social e sentido de pertença a uma comunidade. Na realidade, a prática de manter os bebés a dormir sozinhos desde a altura do nascimento é bastante recente nas culturas ocidentais (desde o XVII), existindo relatos de muitas culturas que continuam a praticar a partilha da cama até aos seis anos de idade e a amamentação em horário livre. *Cosleeping* é ainda uma opção cultural de 90% da população mundial (Young, 1998).

É importante compreender que os valores e as normas que estão ligados a uma cultura podem variar de uma sociedade para outra e até mesmo serem contraditórios. Assim algumas podem basear suas experiências de vida em sua religiosidade, enquanto outras se baseiam em apreciações científicas do mundo divulgadas pelos meios de comunicação.

É importante também entender que os países incluem várias culturas, ou seja, os indivíduos também podem variar entre si e que a cultura não é algo fixo, ela sempre está a mudar de acordo com as experiências dos indivíduos em sociedade. A ideia de “liquidez social” de Bauman (Bracht, 2012) é formada a partir de observações de vários processos sociais entre os quais está a chamada “aculturação” que deriva do “choque cultural”, quando duas ou várias sociedades de culturas diferentes passam a ter contato e a conviver com suas diferenças. O conceito de aculturação foi definido pela primeira vez em 1936 por três antropólogos, Redfield, Linton e Herskovitz, como o conjunto de transformações culturais resultantes dos contactos contínuos e directos entre dois ou mais grupos culturais independentes (Ramos, 2006).

A aculturação implica escolhas por vezes difíceis entre os hábitos da cultura de origem e os do novo espaço cultural. “Dúvidas e ansiedade podem surgir, encontrando-se o dividido entre o desejo de integrar os elementos da cultura do país de acolhimento e o desejo de manter

tradições e hábitos de origem profundamente enraizados desde há muito tempo" (Ramos, 1993, p. 562). Vários autores têm estudado os efeitos originados pela mudança de meio físico e sócio-cultural em resultado da migração sobre o comportamento parental, nomeadamente o comportamento maternal.

A investigação de Ramos (1993, 1996) com famílias imigrantes portuguesas na região de Paris, sobre os cuidados às crianças, mostra que a aculturação se manifesta de modo "parcial" e "sectorial", adoptando os traços e os modelos de cultura dominante no sector público das relações secundárias, ao mesmo tempo que mantêm o seu próprio código cultural no sector privado das relações primárias. Os cuidados à criança fazem parte deste sector privado das relações primárias e certas práticas resistem melhor à aculturação, como destacou Ramos (1993), nomeadamente as práticas religiosas.

Outra modalidade de aculturação é de tipo intermédio, designada também de semi-aculturação (Ramos, 1993), onde pais adoptam em grande número hábitos e comportamentos da sociedade acolhedora, sendo os hábitos ocidentais considerados mais modernos. Atraídos pela modernidade e pelas facilidades da tecnologia doméstica e independência que observam na sociedade receptora, os pais tentam imitar e reproduzir os comportamentos que encontram na nova cultura, mas não esquecem completamente os modelos de referência da sua cultura de origem. As normas e os modelos do país de acolhimento não são, muitas vezes, verdadeiramente interiorizadas e as do país de origem tendem a diminuir ou a desaparecer.

O modelo de desaculturação, onde se encontra o maior desenraizamento e isolamento, implica mais situações de risco, uma maior vulnerabilidade da mãe e da criança, mais depressões e problemas de identidade que afetam diretamente o bom desenvolvimento da criança que tem alta probabilidade de vir a apresentar problemas de sono e alimentação (Ramos, 1993).

Após esta contextualização, o capítulo seguinte passa a abordar o uso das tecnologias digitais pelas crianças nos primeiros dois anos de vida no contexto cultural das práticas educativas parentais.

## Capítulo 3

### Mediação parental relacionada com o uso de tecnologias digitais por crianças pequenas

Este terceiro capítulo apresenta investigação focada na mediação parental do uso que as crianças menores de dois anos fazem das tecnologias digitais. O objetivo é identificar como a mediação dos pais e as suas percepções sobre o impacto dos média digitais na vida das crianças pequenas são relacionadas com as características familiares e a idade da criança.

O desenvolvimento dos média e das novas tecnologias é um fenómeno que influenciou diretamente o espaço familiar, nomeadamente, no que se refere à organização do seu tempo e das práticas em torno das tecnologias digitais (Carvalho, Francisco e Relvas, 2015). Assim, o processo de “domesticação” das tecnologias no contexto familiar explora a forma como os dispositivos e equipamentos eletrónicos se tornam parte integrante do quotidiano dos indivíduos e a sua incorporação dentro do seio familiar (Silverstone e Haddon, 1992). Nesse contexto, a domesticação das TIC tem uma dupla interação que se reflete na forma como a família altera o significado das tecnologias e na forma como a cultura e as interações familiares são modificadas pelas tecnologias (Reis, 2016).

A apropriação das tecnologias integradas num determinado contexto social, o privado, foi tema de estudo desenvolvido por Roger Silverstone (1992, 1996, 1999) que introduz o conceito de "economia moral" da família. De acordo com os autores Silverstone & Haddon (1996), as famílias e os seus membros têm formas específicas de consumo que dependem de regras implícitas que organizam a vida familiar e cultura que predomina no agregado. Desta forma a conversão da família às novas tecnologias digitais é traduzida pelas suas atitudes de utilização.

A importância dos pais no uso dos média pelas crianças, como auxiliares no processo de aprendizagem e desenvolvimento social, foi abordada em vários estudos sobre o papel dos pais na educação digital dos filhos. Esses estudos apontam para diversas estratégias parentais relacionadas com os média e aplicadas através de um processo de "mediação parental" que Warren (2001, p. 212) definiu como "qualquer estratégia que os pais usam para supervisionar ou controlar os conteúdos dos média para crianças". Neste contexto, de acordo com a teoria de Vygotsky (1986) sobre o desenvolvimento infantil, a mediação parental é vista como uma estratégia-chave no desenvolvimento de habilidades das crianças para o uso seguro dos média, com o objetivo de promover os aspetos positivos e prevenir os efeitos negativos dos mesmos



sobre as crianças. Por exemplo, as experiências físicas e emocionais relacionadas com a partilha das atividades digitais em família fornecem uma base para o desenvolvimento infantil, especialmente quando ocorrem dentro da “zona de desenvolvimento proximal da criança” (Vygotsky, 1978, p.86).

No que diz respeito ao uso dos média pelas crianças pequenas, isso significa que, quando a criança está envolvida em atividades relacionadas ao uso de recursos digitais, os pais devem aplicar uma forma de mediação que seja adequada ao seu nível de desenvolvimento (Clark, 2011).

É cada vez mais comum observar crianças que ainda nos seus primeiros meses de vida, de alguma forma, já usam aparelhos tecnológicos, em especial aqueles com a tecnologia *touch screen*, tais como os tablets e smartphones. Essa geração que nasce conectada com o mundo tecnológico faz parte dos chamados “nativos digitais”, conceito dado por Marc Prensky (2001) para identificar aqueles que nasceram e cresceram com as tecnologias digitais já presentes na sua vida. Os primeiros nasceram entre a década de 1980 e 1990 e essa geração é caracterizada por interagir uma grande parte do tempo com dispositivos tecnológicos, tais como computadores, telemóveis, máquinas fotográficas e de vídeo digitais, smartphones, tablets, assim como sites, blogs, redes sociais e outros recursos emergidos deste contexto.

Prensky propõe que o funcionamento cognitivo dos nativos é diferente das gerações que nasceram antes da nova cultura digital. As gerações anteriores são chamadas de “imigrantes digitais” que tentam acompanhar o avanço tecnológico para não ficarem descontextualizados nesses novos tempos. (Silva, 2014). Atualmente, os primeiros "nativos digitais" tornaram-se pais que são utilizadores experientes de tecnologias, habitam lares digitais onde as suas crianças crescem, sendo expostas aos media digitais desde o nascimento (Chaudron et al., 2015).

Segundo Holloway et al. (2013), a maioria dos bebés com menos de dois anos nos países desenvolvidos tem já presença online. Na Holanda 78% de crianças de um a seis anos de idade já acederam à web, assim como 5% de bebés com menos de um ano de idade (Brouwer et al., 2011).

Os resultados das pesquisas na área dos usos digitais indicam que em média as crianças começam a ver televisão entre seis e nove meses de idade e que os bebés com menos de dois anos chegam a assistir programas de televisão de uma a duas horas por dia. Aos três anos, quase um terço das crianças norte-americanas têm uma televisão no seu quarto (Rideout, 2013).

Esses dados não correspondem com as recomendações da Academia Americana de Pediatria, que, até 2017, aconselhava os pais a não exporem os seus filhos menores de dois anos a equipamentos eletrónicos de qualquer género e desaconselhava totalmente a televisão no

quarto (American Academy of Pediatrics, 2011) Várias entidades internacionais de saúde e de proteção da criança (The American Academy of Pediatrics 2009, 2010, 2011; Institute of Medicine of the National Academies 2011; National Association for the Education of Young Children, 2009; Fred Rogers Center Advisory Council, 2012) avisam sobre numerosos riscos e efeitos negativos a curto e longo prazo causados pelo uso inapropriado das tecnologias pelas crianças pequenas. A exposição excessiva a tecnologias tem sido associada a problemas de saúde física e psicológica, nomeadamente obesidade, alterações da visão, perturbações do sono, atrasos da linguagem, problemas de comportamento. A evidência científica mais recente tem mostrado que o uso das novas tecnologias implica radiação e exposição a campos eletromagnéticos (EMR Policy Institute 2011), riscos de intoxicação com tintas à base de chumbo e de asfixia e sufocação por engolir elementos pequenos dos equipamentos tecnológicos (National Association for the Education of Young Children, 2009).

A literatura aponta para a necessidade de os pais se conscientizarem e compreenderem a importância das implicações que surgem da associação entre o uso dos recursos digitais na primeira infância e o potencial desenvolvimento de hábitos de consumo dos média digitais ao longo da vida. (Schlembach et al. 2014). Nesse contexto, é imperativo observar a responsabilidade dos pais de mediar o acesso precoce dos dispositivos digitais pelas crianças pequenas que ainda não são autónomas e estão completamente dependentes dos seus cuidadores familiares. Os pais não determinam apenas as suas práticas digitais, mas também o seu acesso aos dispositivos digitais. Além disso, geralmente são os pais que iniciam o uso das tecnologias digitais às crianças, moldando o seu envolvimento com as tecnologias através da sua ajuda e apoio, já que para as crianças os pais servem de modelos, tentando imitar suas práticas e preferências (Kucirnova e Sakr 2015; Plowman et al. 2008). Lauricella et al. (2015) referem-se a um efeito de “espelho” entre as práticas digitais dos pais e as adotadas pelas crianças, destacando o facto de que quanto mais jovens são as crianças, mais elas tendem a reproduzir as práticas de seus pais com os dispositivos digitais.

Os estudos afirmam que não é importante apenas o conteúdo dos programas que as crianças assistem, conforme demonstrado numa pesquisa realizada por Anderson et al. (2001). Também é importante o contexto da experiência de visualização, ou seja, quando os pais assistem aos media com seus filhos, a atividade pode tornar-se interativa ao discutirem o conteúdo do programa. (Warren, 2003).

As pesquisas indicam que a atividade de assistir vídeos, DVDs e programas de televisão pode começar quando as crianças têm apenas seis meses de idade (Rideout & Hamel, 2006). Os hábitos de consumo dos média digitais formam-se na primeira infância, momento em que os pais têm um papel fundamental nas práticas de educação digital dos filhos. Assim, desde

cedo as estratégias de mediação adotadas pelos pais relativamente às atividades digitais dos filhos exercem influência sobre os resultados de aprendizagem e o desenvolvimento físico das crianças (Anderson et al., 2001).

A primeira infância é considerada uma fase determinante para aquisição de hábitos e estilos de vida saudáveis. Neste sentido, é também o período indicado para que os pais adotem uma estratégia de mediação do uso dos media digitais pelas crianças de forma a maximizar as vantagens e potencialidades e reduzir os riscos associados à atividade digital. Quando os pais veem televisão junto com os filhos e aproveitam para explicar e analisar programas que privilegiem conteúdos educativos, culturais, informativos ou mesmo recreativo eles colocam-se numa posição que oferece a oportunidade de melhorar a aprendizagem da criança. Ao mediar as experiências de programas educacionais destinadas às crianças, os pais podem estimular o vocabulário e as habilidades sociais dos bebês e crianças pequenas, bem como aumentar sua capacidade de refletir e pensar criticamente sobre as mensagens que recebem através dos meios de comunicação digital (Schlembach et al. 2014). Ao longo do tempo e à medida que as crianças crescem e se desenvolvem, esse tipo de estratégia de mediação pode oferecer aos pais possibilidades adicionais para fortalecer as capacidades cognitivas das crianças, estimulando a sua capacidade de compreender mais facilmente os conteúdos complexos dos media.

A literatura faz menção a diferentes estratégias de mediação que são adotadas pelos pais para potenciar os benefícios e atenuar os riscos envolvidos no uso das TIC pelas crianças na era digital. O conceito de mediação parental pode ser entendido como uma palavra-chave que engloba as técnicas que os pais usam para ajudarem os filhos a lidarem com os media, em particular com a televisão (Potter, 2004, p. 232). Assim, os pais se colocam na posição de mediadores quando intervêm na relação que os filhos estabelecem com a televisão e outros meios de comunicação, ajudando-os a compreender e a interpretar os seus conteúdos e a desenvolver competências críticas de utilização das TIC.

Geralmente, dá-se uma adaptação de regras já definidas relativas à mediação no uso da televisão para os outros meios digitais. Por exemplo, Valkenburg et al. (1999) sugeriram que os estilos de mediação parental em relação à exposição das crianças à televisão podem ser aplicados também aos media digitais e resumiram-nos em três categorias (Valkenburg et al., 2009):

1. Restritivo - quando os pais com atitudes altamente controladoras relativamente ao uso de meios digitais estabelecem regras de utilização dos media, monitorizando e limitando este uso;

2) Instrutivo - quando os pais conversam com os filhos sobre os conteúdos exibidos nos média e controlam o uso digital preocupando-se em ensinar e aconselhar;

3) Co-utilização - quando os pais utilizam tecnologias digitais junto com os filhos, baseando-se na negociação, diálogo e busca de consenso entre pais e filhos sobre a utilização das tecnologias.

Assim, com base nos traços que são comuns, vários modelos de mediação parental foram propostos. Por exemplo, Livingstone e Bober (2004) distinguiram as dimensões “material” e “simbólica” da mediação parental. A primeira refere-se à medida como os pais usam tecnologias e promovem o acesso a dispositivos digitais no lar, e a segunda diz respeito à aquisição e apoio das competências e práticas digitais e à definição e negociação de regras e práticas relacionadas com a utilização de tecnologias

Um outro modelo prevalente atualmente é a matriz proposta por Valcke et al. (2010), que relaciona a mediação parental das tecnologias digitais com os estilos parentais gerais com base no trabalho de Baumrind e outros (1991).

Os autores definiram dois tipos de atitudes de mediação parental do uso da internet no lar: controlo e permissividade dos pais - posicionamentos que marcam quatro estilos de mediação do uso de meios digitais:

- a) Autoritativo - os pais estabelecem regras claras e explicam-nas às crianças para promover o seu comportamento responsável e auto-regulado; a regra mais comum é definir um intervalo de tempo específico para o uso dos media digitais.
- b) Autoritário - os pais estabelecem regras sem dar explicações e esperam obediência, não são abertos ao diálogo e impõem suas próprias percepções e opiniões sobre os media digitais.
- c) Permissivo - os pais estabelecem muito poucas limitações, a monitorização do uso digital acontece só ocasionalmente e raramente implica orientações educativas.
- d) Laissez-faire – os pais não controlam e não se envolvam nas práticas digitais dos seus filhos, há ausência de limites e de regras.

Mais recentemente, Livingstone e Helsper (2008) acrescentaram dois novos estilos de mediação específicos para tecnologias digitais:

- e) Monitorização – os pais supervisionam as crianças quando elas estão a usar um dispositivo digital e monitorizam as atividades on-line das crianças depois de uso, verificando o histórico ou os registros do navegador dos media digitais.

- f) Helpdesk - os pais usam aplicações destinadas para regular ou bloquear conteúdo impróprios para crianças.

A maioria dos fatores que influenciam a mediação dos pais estão relacionados com o uso excessivo de tecnologias pelas crianças, obrigando os pais a exigirem regras. Na maioria dos casos, quando as crianças começam a usar os media digitais, os pais adotam no início um estilo parental permissivo, que pode evoluir para um estilo autoritário, muitas vezes devido a uma situação problemática de uso crescente das tecnologias pelas crianças (Dias et al. 2017).

Como nos últimos anos houve um aumento substancial no uso dos media digitais pelas crianças pequenas, a Academia Americana de Pediatria aconselha os pais a considerar o valor dos média sobre o desenvolvimento dos seus filhos e a orientar sua mediação a favor desse valor. (American Academy of Pediatrics 2011)

As pesquisas sobre a mediação parental demonstraram de forma semelhante que os pais moldam as suas estratégias de mediação de acordo com suas opiniões sobre os vários efeitos do conteúdo mediático em crianças (Ponte et al., 2018). Os pais que estão mais preocupados com os riscos tentam frequentemente proteger seus filhos supervisionando, aplicando restrições ao uso dos média e conversando de forma crítica e construtiva com a criança sobre o potencial negativo do conteúdo dos média, enquanto os pais que acham que os média representam uma fonte tendencialmente ilimitada de conhecimento, educação e divertimento aplicam mais frequentemente a estratégia de co-utilização dos meios digitais e manifestam-se ativos a analisar o conteúdo escolhido através do dialogo interativo com seus filhos (Nikken et al. 2015).

Segundo Valcke et al. (2010), o estilo de mediação parental autoritativo é o mais frequente quando se refere aos média digitais, combinando uma relação afetiva e de alto controle parental. No entanto, um significativo número de pesquisas tem demonstrado que os pais tendem a ser geralmente permissivos relativamente ao uso de dispositivos digitais em casa (Pereira et al. 2016). Isso pode acontecer porque os pais desta geração são “nativos digitais” (Prensky, 2001) e a sua maioria são competentes nesta utilização. Deste modo, as crianças observam como os seus pais se envolvem com os meios digitais disponíveis em casa e imitam depois as suas práticas. Outra razão importante é que os tablets são "amas" eficazes que mantêm as crianças entretidas enquanto os pais estão ocupados com tarefas domésticas ou trabalho (Dias et al., 2016).

Outra razão importante para esse tipo de mediação é o facto de os tablets serem vistos como “babysitters” eficazes, mantendo as crianças entretidas enquanto os pais estão ocupados com tarefas de casa ou do trabalho (Ponte e tal., 2018). As pesquisas mostram que 28% dos pais de crianças entre os seis meses e quatro anos usam o tablet como uma alternativa de substituir a

interação direta na hora de deitar (Kabali et al. 2015). Além disso, os pais gostam de partilhar o uso ocasional dos seus dispositivos com os seus filhos, como o smartphone, o computador, tablets e consolas (Dias et al. 2007).

O uso de smartphones e tablets por parte de crianças com menos de 5 anos frequentemente necessita de orientação e ajuda. Quando elas têm dificuldades, primeiro tentam resolvê-las de modo autónomo, normalmente através da estratégia de tentativa e erro; se não conseguirem resolver o problema sozinhas, recorrem à ajuda dos irmãos mais velhos (caso os tenham) e só depois aos pais (Dias et al. 2017)

Os pais desempenham um papel fundamental no envolvimento e a possibilidade de acesso das crianças a tecnologias digitais, sendo com eles que elas têm as suas primeiras experiências de utilização. Referindo-se a esse processo de mediação no contexto dos meios digitais, Livingstone (2007) sugeriu o conceito de “regulação parental” para referir que “os pais muitas vezes recorrem a papéis familiares, em especial à sua autoridade, para negociar regras e práticas relacionadas com a utilização de tecnologias” (Dias et al., 2017, p.75).

Estudos recentes demonstram que a forma como os pais orientam a mediação do uso das tecnologias digitais pelas crianças é moldada pelas variáveis contextuais relacionadas com múltiplos fatores sociodemográficos: a idade e género dos pais e das crianças, variáveis do contexto familiar (como rendimento familiar e tamanho da família, estado civil) e o número de tecnologias digitais presentes no lar. Também são importantes a formação educacional dos pais, o seu nível de utilização da internet, a sua experiência online e as suas atitudes em relação aos media digitais (Nikken et al., 2015).

Carvalho, Francisco e Relvas (2015) fornecem uma revisão sistemática da literatura sobre o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) pelas famílias e sintetizam os fatores que influenciam a adoção dos média digitais pelas famílias: condição socioeconómica, distância geográfica de outros membros da família, estratégias de comunicação comuns na família, diferenças culturais, satisfação das necessidades relacionadas com o ciclo de consumo e estágio do ciclo de vida familiar (Brito, 2017).

Esses fatores definem o contexto para o envolvimento dos pais na educação e dedicação de tempo e esforço para a mediação do uso dos media pelos seus filhos. Diferenças de género moldam diferenças de comportamento. Por exemplo, as mães tendem a adotar um estilo autoritativo de mediação (nível alto de controle e afetividade) e a estarem geralmente mais envolvidas na educação e mediação infantil (Nikken et al. 2015), enquanto os pais tendem a adotar um estilo de mediação autoritário. Os pais tendem a ser mais permissivos com os rapazes e mais restritivos com as meninas (Valkenburg 2002). Os pais mais velhos são mais

controladores, enquanto os pais jovens tendem a ser mais permissivos (Wang et al. 2005). Além disso, quanto maior é a idade da criança, mais restritivos os pais tendem a ser, até que isso comece a ser uma fonte de conflito durante a adolescência, o que pode mudar a atitude dos pais a serem mais permissivos (Dias et al, 2017).

Os diferentes níveis socioeconômicos das famílias e as habilitações literárias dos pais marcam as diferenças de mediação entre várias famílias. Pauwels et al. (2008 apud Brito et al. 2017) observaram que os pais com formação superior têm uma atitude mais crítica sobre tecnologias e exercem mais controle sobre as práticas digitais de seus filhos, embora de forma afetiva. Eles estão mais conscientes dos riscos e tendem a ser mais interativos nas atividades digitais dos filhos. Também, os pais com maior nível de educação e com maior rendimento parecem favorecer o ambiente digital das crianças em casa como um investimento para o desenvolvimento intelectual dos seus filhos, usando mais frequentemente as mais novas formas de tecnologia em comparação com os pais com baixo nível educacional e aqueles com rendimento inferior (Ito et al. 2010).

Como os dispositivos digitais ainda são bastante caros, os pais com nível socioeconômico mais baixo têm menos possibilidades de adquirir os mais recentes produtos digitais e, conseqüentemente, seus filhos também têm menos oportunidades de adquirir as habilidades para usar esses meios. Ainda, os pais com menos conhecimentos e habilidades digitais podem achar mais difícil a instalação do controle parental nos dispositivos eletrônicos ou conversar sobre os riscos dos conteúdos digitais com seus filhos, em comparação com os pais que têm melhores competências digitais (Austin, 1993). Portanto, eles têm dificuldades em acompanhar o ritmo tecnológico e em explicar aos seus filhos como funcionam os meios e assim são incapazes de proteger os filhos dos potenciais riscos que os meios pressupõem. As regras são definidas de forma inconsistente, resultando numa orientação limitada e sem interação parental. Essa falta de conhecimentos pode levar as crianças de famílias de baixa renda a aproveitar a ausência dos pais e fazerem uso de qualquer tipo de mídia quando e onde quiserem (Paus-Hasebrink et al., 2014, p). Crianças que vivem em famílias com menor rendimento usam menos dispositivos digitais com a tecnologia touch screen, tais como tablets, smartphones e notebook (Brito, 2017)

As pesquisas mostram também que as crianças cujos pais têm baixo nível de formação têm mais dispositivos à disposição no quarto e passam mais tempo a ver televisão e a usar computador. Também em famílias numerosas, os pais podem ter menos tempo para mediar o uso dos meios pelos seus filhos (Nikken et al., 2015) e tendem a ser menos restritivos, pois os pais não são capazes de supervisionar todas as crianças no mesmo tempo (Duimel e de Haan, 2007).

Outro fator que influencia a mediação dos pais é a experiência com os filhos mais velhos que geralmente torna os pais mais restritivos com os filhos mais novos (Nikken e Jansz, 2014).

Os estudos sobre a influência das práticas e atitudes dos pais em relação aos media digitais concordam que os pais com conhecimentos e experiência digital tendem ter atitudes mais positivas em relação ao uso de tecnologias digitais e estão mais conscientes dos riscos que a utilização dos media implica e mostram-se mais envolvidos nas práticas digitais dos filhos (Barron et al., 2009; Hollingsworth et al., 2011, Nikken e Jansz 2014, Pauwels et al. Walrave et al., 2008). Eles também acreditam que é muito importante mediar apoiando, orientando e ensinando as crianças nas suas práticas digitais (Walrave et al., 2008). No mesmo tempo, os pais com menos habilidades e experiências digitais tendem a ser mais permissivos e menos participativos (Barron et al., 2009, Hollingsworth et al., 2011).

No entanto, os pais têm mais percepções positivas do que negativas no que se refere ao uso das TIC, atitude que motiva o acesso diário às tecnologias digitais pelas crianças. Os pais consideram que as TIC fazem parte da vida das crianças como elementos omnipresentes do mundo que as rodeia e até mesmo contribuem para passar tempo de qualidade em família, como ver filmes ou jogar. As tecnologias digitais também servem de babysitter e o tablet é o aparelho tecnológico mais utilizado pelas crianças. A televisão deu lugar ao tablet e este assume o papel de babysitter enquanto os pais estão ocupados em casa a preparar as coisas para o dia seguinte, a tratar algum assunto importante ou fora de casa a entreter as crianças no restaurante ou durante as viagens (Ponte et al., 2018).

As tecnologias são também vistas como um auxílio no processo educativo. A visão que sustenta a ideia de que as tecnologias são efetivamente uma poderosa ferramenta de apoio na aprendizagem e no desenvolvimento intelectual da criança sugere fortemente que o conteúdo é o fator mediador mais importante nessa relação (Johnson, 2010; Judge, Puckett, & Bell, 2006; Marsh, 2010, apud Brito, 2017).

Até aos anos 1990, as pesquisas na área dos usos dos media quase não abrangiam estudos sobre os seus efeitos em bebés e crianças pequenas. Esses estudos relatavam que as crianças com menos de dois anos de idade prestavam pouca atenção à televisão, talvez devido à pouca oferta de programas TV dedicados a eles (Huston et al., 1983; apud Kirkoria et al., 2008). No entanto, a partir dos anos 90, houve uma explosão de ofertas crescentes de programas de TV para crianças. Hoje, algumas pesquisas sugerem que as crianças de idade pré-escolar prestam muita atenção aos conteúdos televisivos desde a mais tenra idade. Embora a conclusão se refira à televisão, é provável que seja verídica também para outros tipos de media.



A televisão tem sido criticada desde há muito tempo pelo seu potencial impacto nas crianças de todas as idades (Smith, Anderson e Fischer, 1985, apud Kirkoria et al., 2008). Um aspeto preocupante é como a exposição precoce das crianças a certos conteúdos influencia o desenvolvimento cognitivo e mais tarde, o desempenho académico no contexto escolar. Estudos mostram que a exposição das crianças maiores de dois anos a conteúdos apropriados para a educação infantil está associada ao desenvolvimento académico e cognitivo, enquanto a exposição ao puro entretenimento e especialmente ao conteúdo violento está associada a um desenvolvimento cognitivo mais fraco e a um menor desempenho académico (Anderson e Pempek, 2005, apud Kirkoria et al., 2008)

É interessante observar que pesquisas efetuadas sobre o tempo de atenção demonstraram que as crianças de hoje podem estar a brincar com um brinquedo ao mesmo tempo que vêem um programa de televisão. Elas prestam a atenção necessária que lhes permita não perder a sequência do programa televisivo, nos momentos que lhes parecerem mais importantes, para perceber a história, e isto, sem deixar de brincar com o seu brinquedo. Esta estratégia desenvolvida pelos “nativos digitais” é uma das muitas que lhes permitem estar a desenvolver duas atividades completamente distintas ao mesmo tempo, distribuindo a sua atenção entre as diferentes tarefas (Prensky, 2001, apud Schiavon, 2012).

Embora as pesquisas demonstrem claramente que os programas educativos de televisão adequados à faixa etária podem ser benéficos para crianças em idade pré-escolar, os estudos sobre crianças com menos de dois anos sugerem que essas crianças pequenas aprendem melhor com experiências relacionais com os cuidadores nas atividades em família do que através das experiências virtuais (Krcmar, Grela, e Lin., 2007, apud Kirkoria et al., 2008). Ainda, algumas pesquisas sugerem que as crianças não compreendem a natureza simbólica da televisão até atingirem a idade pré-escolar e que a exposição à televisão durante os primeiros anos de vida pode estar associada a um pior desenvolvimento cognitivo, a atraso da linguagem e a problemas de interação social (Subrahmanyam et al., 1996; Obel et al, 2006; apud Heather Kirkoria et al., 2008).

As pesquisas apresentaram diferenças entre as formas pelas quais os bebés e crianças maiores assistem aos vídeos digitais (Kirkorian, 2007; Barre, 2007). Os resultados sugerem que crianças com menos de dezoito meses podem não entender o conteúdo dos vídeos, e assim, não aprendem da televisão da mesma maneira que as crianças mais velhas (Barre et al. 2008; apud Kirkoria et al., 2008). Em particular, elas podem não compreender o diálogo, limitando-se a observar a sucessão de imagens.

Por outro lado, para evitar o contacto excessivo das crianças com as novas tecnologias, os pais exigem que os seus filhos pratiquem atividades não digitais. Muitos pais apontam que

brincar fora de casa (e com amigos) é mais importante do que usar tecnologias digitais. No entanto, muitas vezes as crianças preferem passar o seu tempo brincando com essas tecnologias, que acabam substituindo as atividades ao ar livre e o contato com outras crianças. Por não quererem excluir as tecnologias da vida dos seus filhos, já que a interação infantil com as tecnologias de comunicação em casa e na escola é indispensável (Johnson e Pupilampu 2008, apud Brito et al., 2017), eles consideram que o uso da tecnologia deve ser combinado com outras atividades (por exemplo, andar de bicicleta, brincar na rua) e que é necessário impor regras para controlá-lo.

Em relação a crianças mais pequenas, aquelas em que se centra este estudo, as pesquisas constataam que os pais acreditam que as crianças nesta idade são inocentes, que não se envolvem com os conteúdos digitais e, portanto, estão menos expostas aos riscos relacionados com os media, e que só poderá ser uma preocupação nu futuro, à medida que as crianças crescerem (Jorge et al., 2017)

Apesar das crianças mais novas serem expostas às tecnologias desde mais tenra idade, nota-se que as pesquisas são normalmente dirigidas a crianças e jovens de idades mais avançadas. Também a investigação sobre o papel da família no que concerne à utilização de tecnologias por crianças até 6 anos é limitado, apresentando principalmente estudos sobre o tempo que as crianças utilizam tecnologias diariamente (Plowman et al., 2012).

Consequentemente, pouca atenção tem sido dada no que se refere à interação das crianças com os media digitais desde o nascimento, nomeadamente investigação que implique opiniões e experiências de usos digitais de crianças até 2 anos no contexto cultural da família.

Como foi apresentado nos capítulos anteriores, existe uma variedade de aspectos que podem influenciar as práticas digitais, desde o nível de desenvolvimento das crianças, valores e crenças das famílias e outros fatores ambientais presentes nos meios em que as crianças são inseridas. Assim, na perspectiva sócio- cultural- interacionista de Vigotsky (1998) a criança nasce inserida num meio social que é a família e é nela que estabelece as primeiras relações com as pessoas e interações com os objetos no seu ambiente. Portanto, para ele o desenvolvimento é o resultado de uma atividade mediada que acontece primeiro em família, onde os adultos usam ferramentas próprias culturais tais como a linguagem e outros meios para a criança dominar e se apropriar dos instrumentos culturais como conceitos, idéias, linguagem, competências e todas as outras possíveis aprendizagens. Neste sentido, o desenvolvimento humano para Vigotsky se distancia da forma como é entendido por outras teorias psicológicas, por ser visto como um processo cultural que ocorre necessariamente mediado no contexto da própria cultura. Na mesma linha, a abordagem cultural da parentalidade e as etnoteorias parentais propostas por Harkness e Super (2002) sustentam que as ideias e as crenças parentais determinam valores que

organizam a vida da criança e da família e originam competências num determinado ambiente, tais como, por exemplo, as práticas digitais adquiridas pelas crianças no ambiente familiar. Assim, entende-se que os níveis de capital das famílias resultantes de vários aspetos, tais como diversidade étnica, linguística e social, a religião e os costumes de cada família podem influenciar a experiência das crianças com os meios digitais e a mediação que se exerce em família sobre esse uso desde os seus primeiros anos de vida.

Partindo desta revisão de literatura, a fim de aprofundar questões de utilização dos meios digitais por crianças até 2 anos, pretende-se realizar uma pesquisa empírica considerando vários aspectos culturais das famílias das crianças em estudo, resultantes do modo de vida e das condicionantes de cada família e da sua composição familiar, de modo a ter uma perspectiva mais aprofundada sobre a percepção que os pais têm em relação às tecnologias digitais e os seus efeitos para a família e para a primeira infância.

## **Questões metodológicas e estudo empírico**

### **Capítulo 4**

Neste capítulo será apresentada a metodologia utilizada no estudo e a caracterização da amostra. Também serão descritas as técnicas utilizadas para a recolha dos dados de estudo e apresentado o método utilizado para a análise dos dados, tendo em conta as questões éticas relacionadas com o trabalho de pesquisa.

#### **Metodologia de estudo**

O presente estudo decorre de questionamentos sobre as práticas digitais das crianças com menos de dois anos de idade contextualizadas no ambiente familiar e na sua condição cultural. Este trabalho assenta numa metodologia que tem por base uma abordagem qualitativa, possibilitando assim a valorização do processo de pesquisa e uma melhor percepção do sujeito de estudo, considerando suas origens, causas, relações e influências (Bogdan e Biklen, 1997, p.16).

A abordagem metodológica deste estudo tem como objetivo observar a mediação parental no envolvimento das crianças com os meios digitais (telemóveis, tablets, televisão) nos primeiros dois anos de vida em ambientes familiares com diferentes características étnicas e culturais. Assim, o envolvimento das crianças com os meios digitais é explorado em função de dois aspetos: o nível de desenvolvimento infantil e o contexto cultural de cada família.

O estudo considera quatro questões de investigação que resultam desse núcleo temático:

- 1) Como é que as crianças com idade inferior a dois anos utilizam as tecnologias digitais em diferentes ambientes familiares?;
- 2) Como é que as tecnologias digitais são percebidas pelos pais em famílias com uma origem cultural diferente do contexto cultural da sociedade onde vivem?
- 3) Como é que os pais de diversas culturas geram o uso de tecnologias digitais dos filhos mais novos;
- 4) Qual é a importância que esses pais atribuem às tecnologias digitais para a família e primeira infância?

Assim, para a análise dos usos das tecnologias digitais pelas crianças com menos de dois anos adotou-se como aporte teórico contributos sobre o desenvolvimento psicológico na infância para compreender e interpretar as competências digitais dessas crianças e a sua capacidade de se relacionar com os meios digitais. O suporte teórico desta metodologia é dado pela confrontação do contributo das teorias de desenvolvimento psicológico infantil nos primeiros anos de vida, propostas por Jean Piaget, Henri Wallon e Lev Vygotsky com o intuito de articular o processo de desenvolvimento da inteligência infantil e a forma como as crianças se apropriam das tecnologias digitais na primeira infância.

Nesse primeiro contexto relativo ao desenvolvimento infantil, é importante mencionar que este trabalho assenta com maior ênfase na perspetiva sociocultural da teoria vygotskyana, que sustenta que o meio não é apenas o ambiente físico onde o indivíduo se encontra, mas que consiste em um produto da interação entre características particulares do indivíduo e as suas experiências considerando, ainda, o contexto no qual este se encontra (John-Seiner e Souberman, 2007, p. 155).

Para o segundo contexto de pesquisa, que envolve questões relacionadas com crenças, valores, comportamentos e atitudes dos pais sobre os usos digitais das crianças na primeira infância, é fundamental considerar as crenças parentais para compreender as estratégias que os pais (ou cuidadores) usam para mediar o uso das tecnologias pelas crianças. As crenças parentais, também conhecidas como etno-teorias parentais (Harkness & Super, 1996) moldam as práticas parentais e revelam como o comportamento do cuidador pode influenciar a saúde e o desenvolvimento da criança (Harkness et al., 2009).

Nesta pesquisa, as etno-teorias parentais serão consideradas como crenças e práticas de cuidado materno que visam a importância do impacto das tecnologias na vida das crianças novas e da família. Silva (2008) define a expressão “Crenças e práticas de cuidados parentais” como as interpretações dos pais e mães sobre a importância de determinadas práticas de cuidado com suas crianças. Na perspetiva do Nicho de Desenvolvimento (Harkness et al., 2002), tais crenças podem ser observadas a partir de três componentes: ambiente físico e social, práticas de cuidado e psicologia dos cuidadores. Assim compreende-se que o modelo de Nicho de Desenvolvimento proposto por Harkness e Super (2002) constitui uma boa premissa para se estudar a parentalidade e o desenvolvimento infantil em diferentes contextos. Os seus três componentes são importantes indicadores de mediação parental, considerando a família como o primeiro núcleo social e ambiente cultural do bebê, sendo o espaço doméstico considerado como o primeiro local adequado para o seu desenvolvimento.

Assim, as tecnologias digitais nesta pesquisa são vistas como componentes do nicho de desenvolvimento infantil, no ambiente familiar, procurando investigar a relação entre o contexto digital, a criança em desenvolvimento e as características psicológicas de seus cuidadores.

Tendo como ponto de partida o enquadramento teórico já apresentado, a realização deste estudo tem como objetivo identificar como é que os modos como os pais geram acesso aos meios digitais marcam a interação das crianças muito novas com esses meios, considerando as características de desenvolvimento infantil nos primeiros dois anos de vida e colocando o foco no contexto cultural das famílias.

### **Caracterização da amostra**

Para a seleção de famílias a entrevistar neste estudo exploratório de natureza qualitativa, foi utilizada uma amostra de conveniência teoricamente sustentada, que teve como objetivo analisar a influência da relação entre as variáveis socioculturais das famílias e a mediação dos pais no envolvimento das crianças com os meios digitais na primeira infância.

Assim, foram estabelecidos desde o início dois critérios para as famílias a entrevistar e observar: haver na família, pelo menos, uma criança com idade compreendida entre zero e dois anos; e a família ter particularidades culturais distintas. Estas famílias não foram escolhidas pelo facto de utilizarem ou possuírem qualquer dispositivo digital, pois a presença ou ausência destes dispositivos no lar pode ser também relevante para a investigação, mas sim pela idade da criança e pela diversidade dos seus aspetos culturais (naturalidade, religião) e sociodemográficos, como profissão, educação e formação e número de filhos.

As famílias foram criteriosamente selecionadas devido às suas características específicas, tendo em conta as mais-valias que poderiam trazer ao estudo, nomeadamente pela relevância da diversidade étnica, cultural e religiosa de cada uma. Todas as famílias foram escolhidas de modo a possibilitarem realizar comparações e contrastes entre os seus contextos culturais, possibilitando analisar e verificar conceitos teóricos em desenvolvimento à medida que a investigação avançava. Mantendo-se o critério inicial da existência de uma criança até dois anos de idade, foram considerados os seguintes distintos critérios para a seleção das famílias que constituem o contexto do sujeito principal do presente estudo:

- Naturalidade/ Famílias imigrantes;
- Religião;
- Nível socioeconómico;
- Idade dos pais;

- Estudos e formação;
- Atividades profissionais;
- Número de filhos em família.

Para este estudo foram entrevistadas quatro famílias residentes em Portugal que provêm de diferentes origens étnicas e têm pelo menos, um filho até dois anos de idade:

1. Família portuguesa com um menino de 14 meses;
- 2 Família portuguesa de etnia cigana com duas meninas gémeas de 20 meses;
3. Família de etnia russa com um menino de 10 meses;
4. Família composta por pais de nacionalidades diferentes - ucraniana (mãe) e romena (pai) com um menino de 24 meses.

Assim, a amostra de crianças é composta por cinco crianças, três do sexo masculino e duas meninas gémeas. Através desta amostragem não se pretende generalizar as conclusões obtidas, sendo estas válidas apenas para a presente pesquisa.

Em todas as entrevistas esteve presente só um dos progenitores, sempre do sexo feminino: as mães e a avó no caso da família de etnia cigana, que se apresentou como o principal encarregado de educação em família.

As crianças alvo do estudo destas famílias têm idades compreendidas entre 10 e 24 meses de idade, com uma diferença entre elas de aproximadamente 4-6 meses (10 meses, 14 meses, 20 meses e 24 meses). Esta diferença permite observar como a apropriação das tecnologias digitais na primeira infância decorre de diferentes etapas do nível de desenvolvimento psicológico, tendo em consideração que, para Piaget (1994) este se encontra no período sensório-motor, caracterizado por grandes transformações evolutivas que marcam as primeiras formas de pensamento, expressão e comportamento e que podem ser aplicados a diferentes objetos em vários contextos de vida da criança.

O nível socioeconómico das famílias nesta pesquisa foi avaliado tendo em conta a observação do local e tipo de habitação, que serviu como lugar de encontro para a realização das entrevistas, assim como o nível dos estudos e profissão dos pais. Segundo os autores Hauser e Warren (1997), a categorização do nível socioeconómico resulta da reunião de informação empírica relativa aos indivíduos. Assim, o grau de formação académico e a ocupação profissional são considerados como indicadores de referência para a categorização do nível socioeconómico, pois servem de base para determinação do rendimento em família e, conseqüentemente, de níveis diferentes de estabilidade financeira (HAUSER & Warren, 1997).

Os pais de cada família foram também caracterizados relativamente ao seu nível digital, para tal sendo especificado o número de dispositivos digitais utilizados por cada um e a frequência do seu uso.

A Tabela 2, na página seguinte, sintetiza a informação biográfica de todas as famílias participantes no estudo, incluindo a apresentação das principais características do seu contexto cultural e elementos de descrição do ambiente digital das famílias. Todas residem na margem sul do Tejo, na província de Setúbal, tendo sido anonimizada a localidade para preservação da sua identidade.



Tabela 2. Informações biográficas das famílias que participaram no estudo

Código étnico da família	Nº de Membro em família	Estado civil dos pais/avós	Denominação do relacionamento familiar	Idade	Nível sócio-económico familiar	Nível de estudos dos pais ou avós	Profissão	Religião	Nível digital dos pais (Nr.de dispositivos digitais utilizados diariamente/ocasional)	Dispositivos digitais presentes no lar
Família portuguesa branca	3	Casados	Mãe	29 anos	Médio	Licenciatura	Educadora de infância	Católica	2 diariamente/ 2 ocasional	2 televisões, 2 smartphones 2 portáteis, 1 tablet, 1 DVD
			Pai	30 anos		9º ano	Motorista de pesados		1 diariamente/ 3 ocasional	
			Filho	14 meses						
Família portuguesa cigana	7	União de facto	Avó	47 anos	Baixo	4º ano	Dona de casa	Evangélica	2 diariamente /1 ocasional	3 televisões, 5 telemóveis, 1 portátil
			Avô	58 anos		4º ano	Comerciante		2 diariamente	
			Filha (mãe)	21 anos						
			Genro (pai)	24 anos						
Família russa	4	Casados	Filho (Tio)	20 meses	Baixo	9º ano	Dona de casa	Ortodoxa	3 diariamente	2 televisões, 1 computador, 2 telemóveis, 2 tabletes, 1 amplificador de som com rádio
			Mãe	31 anos		9º ano	Camionista de longo curso		1 diariamente/ 2 ocasional	
			Pai	32 anos		9º ano				
Família ucraniana &romena	5	União de facto	Filho	4 anos 10 meses	Baixo	9º ano	Trabalhador no campo	Pentecoste & Ortodoxa	1 diariamente/ 2 ocasional	3 televisões, 1 portátil, 3 smartphones, 1 telemóvel sem acesso à Internet
			Mãe	41 anos		9º ano			1 diariamente/ 2 ocasional	
			Pai	52 anos		12º ano			1 diariamente/ 2 ocasional	
			Filho	14 anos						
			Filho	10 anos						
			Filho	24 meses						

### Técnicas de recolha de dados

A principal técnica escolhida para a recolha de dados neste estudo foi a aplicação da entrevista semiestruturada de natureza exploratória. A entrevista semiestruturada, enquanto técnica de recolha de dados nesta pesquisa pretende obter principalmente informações sobre as opiniões, atitudes, expectativas e perceções dos entrevistados de modo a ter uma perspetiva mais aprofundada sobre as ideias que os pais referem em relação às tecnologias digitais e os seus efeitos para a família e para a primeira infância.

Em três casos a entrevista foi realizada só com as mães, devido à dificuldade de entrevistar também os pais, que por motivos profissionais estão poucos presentes na vida da família. O único caso com um cuidador que assume qualidade de parentalidade diferente foi a entrevista com a avó das crianças ciganas que se apresentou como principal encarregado de educação em família.

Foi elaborado um guião de entrevista que objetivou, principalmente, obter a visão dos entrevistados sobre cinco aspetos:

1. Origem e caracterização familiar;
2. Descrição do ambiente digital em família;
3. História pessoal dos pais com os media;
4. Usos e competências digitais da criança menor de dois anos;
5. Considerações e mediação parental.

Desde o início do processo de recrutamento das famílias que iriam ser entrevistadas, foi combinado que a entrevista fosse feita no ambiente de lar da família, sendo esse considerado como principal espaço de desenvolvimento das crianças em estudo.

Também foi nessa etapa de preparação de realização das entrevistas que se pediu autorização para a gravação áudio e que foi referida a possibilidade de tirar fotos às crianças mais novas em contextos significativos para o presente estudo. Estas foram úteis no sentido em que permitiam auxílio em recordar acontecimentos relevantes.

Ao iniciar as entrevistas, a investigadora expunha aos entrevistados o objetivo da entrevista, criando um ambiente mais favorável para o diálogo.

Juntamente com a entrevista foi utilizada pela entrevistadora a técnica de observação direta naturalista do comportamento das crianças alvo do estudo no seu contexto familiar habitual. Cada entrevista realizada teve uma duração de mais ou menos uma hora, tempo que foi aproveitado para observação direta e não participativa da interação com os meios digitais das crianças pequenas, que estavam sempre por perto da mãe ou avó. Através dessa técnica foi possível observar situações comportamentais reais das crianças sem existir qualquer interferência do investigador. Foram também observadas as interações entre os membros das famílias, as atividades que os membros da família realizavam com os dispositivos eletrónicos, a

localização destes dispositivos e a disposição física da habitação. Foi dada especial atenção ao manuseio de meios digitais por crianças com menos de dois anos.

Todas as entrevistas foram transcritas e as transcrições foram o texto base para a análise aprofundada dos dados.

### **Método utilizado para a análise dos dados**

Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas e seguiu-se para a análise de conteúdo dessas entrevistas com o objetivo de realizar uma análise comparativa entre as famílias participantes no estudo. A partir dos dados recolhidos, procurou-se identificar quais são os usos digitais das crianças muito novas e como é que os fatores culturais das suas famílias influenciam a mediação parental e moldam atitudes relacionadas com o impacto das tecnologias digitais na vida da família e na primeira infância.

Ao longo deste trabalho não serão referidos nomes dos participantes do estudo, tendo sido codificados todos os nomes dos membros das famílias de modo a garantir a sua confidencialidade e anonimato. A codificação das famílias começa com a denominação da sua naturalidade ou etnia, neste caso Portuguesa, Portuguesa/Cigana, Russa e Ucraniana&Romana. Assim, os membros das famílias foram nomeados pela sua origem, o seu relacionamento familiar (mãe, pai, filho, irmãos), género e idade.

Em todos os casos, a entrevista foi realizada em português. Contudo, os discursos dos pais de origem estrangeira entrevistados formaram, por vezes, intervalos quando o entrevistado iniciava o discurso em português e subitamente começava a falar com o investigador na sua língua materna (russo, romeno). De facto, o recurso às suas próprias línguas maternas permitia-lhes desenvolver intuitivamente ideias sobre como interpretam aspetos relativos ao fenómeno estudado (Bogdan & Biklen, 1994, p.134).

Dessa forma, as falas transcritas em português dos entrevistados cuja língua materna não é portuguesa (e por isso as suas palavras em português resultam, de alguma forma, duma tradução expressa das línguas maternas) foram por vezes reinterpretados pela investigadora (e para quem o português não é a sua língua nativa). Contudo, a investigadora garante o esforço para a interpretação integral e fiel das informações, sendo esse aspeto apenas uma menção ao reconhecimento das limitações com quais o investigador se confrontou.

A apresentação dos resultados obtidos neste estudo será organizada tendo em conta os cinco aspetos que foram investigados através da entrevista com o intuito de responder às questões de investigação que resultaram do objetivo principal do presente estudo:

1. Apropriação das tecnologias digitais pelas crianças com menos de dois anos em diferentes ambientes familiares;
2. Percepções dos pais sobre as tecnologias digitais em famílias com uma origem cultural diferente do contexto cultural da sociedade onde vivem;
3. Análise dos modos como os pais de diversas culturas geram o uso de tecnologias digitais dos filhos mais novos
4. A visão dos pais sobre a importância das tecnologias digitais para a família e primeira infância.

Deste modo, o presente estudo pretende analisar como é que os modos como os pais geram acesso aos meios digitais marcam a interação das crianças com esses meios nos primeiros dois anos de vida, tendo em conta as características de desenvolvimento na primeira infância e influência de vários aspetos proporcionados pelo contexto cultural das famílias.

O próximo capítulo será dedicado à apresentação dos resultados deste estudo e à respetiva análise.

## Capítulo 5

### Apresentação e análise dos resultados

#### *1. Apropriação das tecnologias digitais pelas crianças com menos de dois anos em diferentes ambientes familiares*

Os primeiros resultados da pesquisa apontam para o facto de que os primeiros dois anos de vida da criança constituem um período relevante para a observação dos modos como estas iniciam o seu relacionamento com os dispositivos digitais. De acordo com Piaget (1994), essa etapa é denominada como *estágio sensorio-motor*, sendo marcada pelas grandes transições de desenvolvimento do bebé, mês a mês, durante os primeiros dois anos de vida. É nesse período que as crianças iniciam o seu processo de exploração do mundo físico que as rodeiam, encontrando-se, no mesmo tempo, totalmente dependentes dos adultos que cuidam e fazem as escolhas por elas da maneira que acham melhor. Sendo assim, neste estudo observa-se que os pais têm um poder de mediação decisivo no que diz respeito aos usos digitais das crianças. A apropriação das tecnologias pelos bebés inicia-se sempre de forma mediada pelos familiares (pais, irmãos mais velhos, avós) capazes de manusear o acesso físico e cognitivo aos dispositivos digitais. Ou seja, as crianças nessa idade só têm acesso aos meios digitais que os cuidadores disponibilizam e consideram como adequadas para a idade delas. Contudo, os pais tendem considerar as preferências dos bebés, que costumam mostrar um maior interesse pelos certos conteúdos dos media através do seu comportamento, caso estes estejam de acordo com os limites éticos e morais dos seus valores e percepções sobre infância.

Toda as crianças alvo desta pesquisa vivem desde que nasceram em lares digitais, têm pais com competências digitais e veem televisão todos os dias. Como se tinha encontrado no estudo nacional para crianças entre os três e oito anos (PONTE et al., 2017), a televisão é a tecnologia mais utilizada pelas crianças do estudo. Todos os pais referem a televisão como o principal meio digital que faz parte da rotina das crianças pequenas em família. A televisão é vista pelos pais como "um dispositivo adequado" para as crianças nessa idade. Os testemunhos – neste caso, três mães e uma avó - indicam que os bebés passam expostos à televisão, em média, de três a cinco horas por dia e fazem uso desse dispositivo, com ou sem a tutela dos pais e irmãos mais velhos. Já ao fim de semana o uso do ecrã televisivo aumenta tanto para os bebés como para outros membros familiares devido ao tempo livre em família. Apesar de referirem um período de tempo limitado de exposição à televisão, estas figuras femininas reconhecem que o dispositivo está sempre ligado quando os bebés ficam em casa. Essa prática está atrelada a uma forte crença

parental de que os bebés não assistem de forma contínua à televisão. Na visão delas o aparelho só funciona como um “pano de fundo”, uma companhia, coexistindo frequentemente com várias outras actividades. Como se pode observar através das entrevistas, essa crença parece não estar relacionada com o contexto cultural das famílias, dado que todas as mães expressaram a mesma percepção sobre a utilização da televisão pelos bebés.

***Mãe da família portuguesa (X, menino de 14 meses):** 3, 4, 5 horas por dia, mas não é seguidas, não é sempre a ver porque ele vai ter comigo. Ao fim de semana ele vê mais tempo do que durante a semana.*

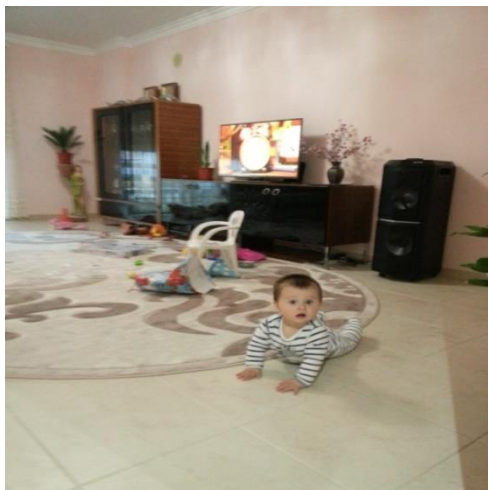
***Avó da família cigana/portuguesa (Y e W, meninas gémeas de 20 meses):** A televisão está sempre ligada em casa, mas elas nem sempre estão a ver, só se gostarem dos bonecos.*

***Mãe da família russa (Z, menino de 10 meses):** Umhas três horas todos os dias, só quando estamos a sair no fim de semana, pode ser que vê menos. Mas ele não vê televisão todo este tempo, só que a televisão está ligada.*

***Mãe da família ucraniana/romena (Q, menino de 24 meses):** Ele fica com os manos em casa muitas vezes. Mas é o que eu estou a dizer, a televisão pode estar ligada todo o dia, mas isso não significa que ele senta lá e está a ver, não. Ele gosta de ir na varanda, falar com os pombos, com os animas que vê na rua. Só quando estão os desenhos animados preferidos é que ele está a ver.*

Observa-se que nas famílias com mais de uma criança, o uso da televisão pelo bebé acontece de uma forma diferente. Assim, por exemplo, nas famílias onde há só crianças até dois anos de idade, como é o caso da família portuguesa e família portuguesa/cigana, as crianças têm a televisão ligada na sala durante o dia exclusivamente para elas, enquanto nas famílias com crianças de várias idades, como é o caso das famílias russa e ucraniana/romena os bebés ficam muitas vezes a assistir conteúdos escolhidos pelos irmãos mais velhos, perdendo o direito exclusivo de “controlar” a televisão. Apesar disso, parece que as crianças mais pequenas não se importam de partilhar a televisão, para elas sendo muito mais importante a presença dos membros familiares do que a visualização de conteúdos TV. Pelo contrario, manifestam interesse e vontade de estar acompanhados e acompanhar os familiares indiferentemente do tipo de programação assistida porque, muitas vezes, o foco deles não é a própria televisão, mas a interação que têm com os pares pelos quais estão acompanhados no “momento da televisão”. Nesse contexto, serve como exemplo o caso da família russa com uma menina de 4 anos e um

bebé de 10 meses de idade, que como foi possível observar durante a entrevista, ainda não anda, mas já consegue gatinhar e movimentar-se pela casa com a ajuda do andador. De acordo com a mãe, mesmo que o bebé não liga muito aos conteúdos, ele procura a companhia da irmã cada vez que ela vê televisão em casa, gerando as vezes situação de conflito entre irmãos.



Z (9 meses) da família russa na sala com a televisão ligada

**Mãe da família russa (Z, menino de 10 meses):**  
(...) Quando o menino volta do infantário e quer ver televisão, se for na sala eles ficam a ver juntos, mas se for no quarto dela, ela não permite muito. Quando o Z vai para o quarto dela, ela não gosta. Diz que é dela e não quer que o Z vá para aí. Quando ela volta mais cansada do infantário, ela precisa de descansar e não quer que o Z faça barulho. (...)

Segundo as entrevistadas, as crianças foram expostas desde que nasceram a todo o tipo de dispositivos digitais presentes no lar. Dessa forma, entende-se que aceitam o uso das novas tecnologias pelas crianças, inclusivamente pelas crianças pequenas, acreditando que o uso da tecnologia é algo que acontece de uma forma inevitável. É importante salientar que apesar de as crianças estarem expostas desde o seu nascimento a diversos aparelhos tecnológicos, todas referiram a televisão como o primeiro dispositivo digital a qual a criança teve acesso pela primeira vez na vida.

Outro momento importante para o presente estudo foi observar com que idade as crianças pequenas começaram a assistir televisão. Curiosamente, de acordo com as observações das entrevistadas, os bebés começaram a prestar mais atenção à televisão com 6-8 meses de idade. Essa idade corresponde ao terceiro *subestágio* (4 a 8 meses) do período *sensório-motor* considerado pelo Piaget (1994) e se evidencia pela iniciação da exploração de objetos e reconhecimento de vozes e sons. Portanto, as crianças nessa fase adoram objetos falantes e coloridos que emitem sons e que estimulem a curiosidade, tais como os dispositivos digitais e a televisão. Esta pode ser encarada como um brinquedo que, graças às suas propriedades, desperta o interesse e atenção das crianças nesta idade. Assim, o comportamento dos bebés e as suas primeiras formas de reagir aos estímulos visuais e auditivos da televisão descritas pelas mães entrevistadas possibilitaram compreender que os bebés iniciam a interação com a televisão

sendo atraídas não só por alguns conteúdos, mas principalmente pelos sons da televisão.

**Mãe da família portuguesa (X, menino de 14 meses):** Desde muito pequenino, mas quando ele começou a dar mais noção foi aos 6/7 meses, talvez. (...) Foi só a ligar e ele a observar. Ele foi a procura do som.

**Avó da família cigana/portuguesa (Y e W, meninas gémeas de 20 meses):** Acho que foi com oito meses que começamos a dizer-lhes “Olha ali!”, como as vezes tínhamos que nos despachar, eu e a mãe delas, ligávamos a televisão para elas verem. Elas sempre gostaram de música e mesmo quando eram mais pequeninas quando havia uma música na televisão, elas ficavam quietas a ouvir.

**Mãe da família russa (Z, menino de 10 meses):** Começou a prestar mais atenção à televisão aos sete meses, mais ou menos. Ligava só ao som. (...) Ele como ainda era pequenino, lembro-me que ficou surpreendido e feliz, abria os olhos e a boca grande.

**Mãe da família ucraniana/romena (Q, menino de 24 meses):** Sim, foi antes de fazer um ano, acho que foi com seis meses. Ele gostava muito da publicidade e eu o deixava deitado entre almofadas, ele olhava para a televisão e ficava muito quieto. Quando acabava o intervalo de publicidade ele logo começava a chorar e gritar e era só com a publicidade que ele parava. E depois quando não estava à frente da televisão, quando ouvia aquele som da publicidade, ele reconhecia o e queria ver.

De acordo com as entrevistadas, nota-se que com o avanço da idade as crianças manifestam cada vez mais interesse pelos conteúdos audiovisuais, expressam interação e mostram preferências. Elas afirmam que os desenhos animados são o principal conteúdo ao qual as crianças têm acesso nessa idade. Os desenhos animados costumam ser vistos a partir do ecrã da televisão, outros dispositivos digitais utilizados pelas crianças nesta idade como computador, tablets os smartphone sendo menos referidos. Diante deste contexto, entende-se que as entrevistadas preferiam a televisão em vez de aparelhos digitais que são considerados demasiado complexos para ser utilizados ainda nos primeiros dois anos de idade e que requerem mais cuidado e mediação por parte dos pais. O ecrã grande da televisão e a sua presença em áreas comuns fáceis de monitorizar pelos pais torna esta tecnologia na visão dos pais a mais adequada para as crianças pequenas.



Em relação aos programas de televisão e vídeos que as crianças até dois anos assistem, os desenhos animados e música são os conteúdos mais citados, seguidos pelos programas sobre a vida dos animais e as vezes programas para adultos.

A apropriação da televisão pelos bebês parece ter um caráter muito seletivo, uma vez que as crianças manifestam interesse apenas por certos conteúdos e programas de televisão. Ao analisar as entrevistas realizadas, constata-se que as preferências dos bebês por alguns conteúdos digitais são significativamente influenciadas pela mediação cultural dos pais.

Neste contexto, nota-se que as mães das famílias estrangeiras providenciaram às crianças acesso a conteúdos infantis realizados nos seus países de origem. Por exemplo, a mãe da família russa referiu a série de desenho animado russo *Masha e Urso* como o primeiro e único conteúdo digital ao qual a criança tem acesso. Ao mesmo tempo, a mãe da família ucraniana/romena mencionou dois desenhos animados russos: *Masha e Urso* e *Nu pogadi!* como os preferidos da criança pequena em casa. É interessante observar que o *Nu pagadi!* foi um dos mais populares desenhos animados nos tempos da União Soviética que marcou a infância das gerações nascidas no espaço soviético depois dos anos 60 do século passado. Um outro facto curioso é que essas duas famílias estrangeiras já assistiam ao desenho animado *Masha e Urso* na sua versão original antes de ser emitido pelo canal Panda e de ficar conhecido em Portugal. De acordo com as mães, os bebês adoram assistir estes desenhos animados em várias línguas, justificando que as crianças costumam ligar apenas às imagens e música dos vídeos. Assim, no caso da família russa, o *Masha e Urso* é assistido em russo através da televisão com acesso à internet e em português através do canal Panda. Já no caso da família ucraniana/romena o mesmo desenho animado é assistido na televisão só em português e em várias outras línguas através do Youtube, enquanto o *Nu pagadi!* é assistido exclusivamente em russo e acessado só pela internet, sendo um desenho animado menos conhecido a nível internacional e com poucas traduções.

Dessa forma, neste caso observa-se uma prática de mediação parental simbólica dos primeiros usos digitais das crianças pequenas através da qual os pais escolhem conteúdos que refletem a sua própria identidade e escala de valores. Neste contexto, segundo a teoria das crenças parentais (etnoteorias) de Harkness e Super (2002), confirma-se a ideia de que o processo de transmissão das crenças parentais de geração em geração depende do grupo cultural ao qual os indivíduos pertencem. Na mesma ordem de ideias, de acordo com os resultados da pesquisa realizada de forma online pela Ipsos Public Affairs em nome da Netflix em 2015 com o objetivo de identificar quantos pais querem compartilhar com os filhos os desenhos que viam *quando eram crianças*, verificou-se que 85% dos pais partilham com os seus filhos os desenhos animados que marcaram a sua infância. Os dados do estudo indicam que entre os principais

motivos invocados pelos pais estão o facto de terem a possibilidade de se sentirem novamente crianças e de acreditarem que os filhos aprendem importantes lições de vida e levam muito mais a sério a missão de manter vivas as referências da cultura da sua infância.

Em termos de preferências de conteúdos digitais dos bebés do estudo, constata-se que com o avanço da idade, as crianças mudam de preferências, mostram mais interesse e tendem a adquirir mais competências de manusear aparelhos digitais. Assim, as crianças mais velhas de 20 e 23 meses, das famílias ucraniana/romena e portuguesa/cigana, assistem preferencialmente ao Canal Panda, enquanto a da família portuguesa de 14 meses assiste exclusivamente ao BabyTV, sendo esse, de acordo com a mãe, o único canal de televisão de qual ele gosta. Também o bebé da família russa que é a criança mais nova do estudo e que tem só 10 meses de idade, não liga muito à televisão e demonstra o seu interesse apenas pelo desenho animado *Masha e Urso*.

Um outro aspecto importante é determinado pela influência da personalidade da criança na escolha dos conteúdos preferidos. Dessa forma, as meninas gémeas da família portuguesa de etnia cigana não têm as mesmas preferências. De acordo com a avó, mesmo sendo gémeas idênticas, têm personalidades diferentes. Consequentemente, apesar de elas gostarem muito de ver o mesmo canal - Panda, cada uma delas têm diferentes personagens e desenhos animados preferidos.

*Avó da família cigana/portuguesa (Y e W, meninas gémeas de 20 meses): A Y gosta mais de Mickey, é fã de Mickey. A outra, W gosta mais do Ruca, ela o chama de “Uca”.*

*(...) A Y gosta mais de uns bonecos, a W gosta mais de outros. São diferentes, têm personalidades diferentes (...).*

É importante salientar que as crianças do estudo tendem também a ter preferências pelos conteúdos infantis que costumam assistir juntos com os pais ou outros membros próximos da família. De acordo com a mãe da família ucraniana/romena, o bebé vai sempre a procura dela quando passa a ser exibido na televisão o seu desenho animado preferido.

*Mãe da família ucraniana/romena (Q, menino de 24 meses): Sim, quando ele vê Masha e Urso, também quer que eu veja com ele e ele diz-me o que está a fazer a Masha e o Urso. Ele explica para mim que ele é muito esperto (sorriso).*

Também as meninas gémeas da família portuguesa/cigana estão a associar a visualização dos conteúdos digitais preferidos com a presença dos avós.

*Avó da família cigana/portuguesa (Y e W, meninas gémeas de 20 meses): E quando está a dar Ruca, vêm me chamar “Bó, bó!”. Quando é o Ruca chamam-me mais a mim, quando é o Guarda do Leão chamam mais o avô.*

Nesse sentido, observa-se que as crianças do estudo procuram na “hora dos desenhos animados preferidos” a companhia das suas cuidadoras. Diante disso, deduz-se que as crianças nestas idades gostam de ser acompanhadas nos seus usos digitais.

No que diz respeito a habilidades e competências requeridas para manusear dispositivos digitais, constata-se que nenhuma das cinco crianças (entre os quais duas são gémeas) liga a televisão autonomamente, mas as quatro crianças mais velhas gostam de assumir o telecomando da televisão e mostram habilidades de mudar os canais. Para o bebé de 14 meses essa prática é associada pela mãe a “um gesto imitativo não intencional”, ou seja é encarada como uma brincadeira.

*Mãe da família portuguesa (X, menino de 14 meses): Consegue mexer no comando, muda os canais, mas não intencionalmente. Ele está a carregar e aponta para a televisão, mas não é com intenção de mudar para o canal que ele gosta.*

Assim, segundo Piaget, entre 12 e 18 meses, surge o comportamento experimental marcado pelo pensamento pré-lógico quando a criança aprende por método de tentativa e erro (Piaget,1994). Enquanto para os outros dois bebés com idades maiores, a mesma prática è carregada de intencionalidade.

*Mãe da família ucraniana/romena (Q, menino de 24 meses): Ele não consegue ligar e desligar, mas consegue mexer nos canais. Mas não consegue encontrar sozinho, tem que procurar muito.*

*Avó da família cigana/portuguesa (Y e W, meninas gémeas de 20 meses): Gostam também de brincar com o comando da box, quando não lhes agrada vão diretamente à box (sorriso).*

As crianças parecem estar aptas para perceber que é através do telecomando que se consegue gerir os canais, embora ainda não sejam capazes de encontrar de modo autónomo o canal preferido. Relativamente ao desenvolvimento cognitivo no período entre 18 e 24 meses, Piaget (1994) refere a aquisição da inteligência representativa que torna possível a manipulação de objetos. A criança passa a coordenar suas ações com um objetivo previsto, como o uso de um instrumento para alcançar o objeto, compreendendo antecipadamente a relação entre ela e o objeto desejado, para descobrir o instrumento como meio. Neste contexto, a aquisição da

inteligência representativa nesta idade justifica as habilidades digitais das crianças em estudo que começam a se apropriar do telecomando da televisão como o intuito de encontrar o conteúdo preferido.

Neste estudo foi possível detetar que todas as crianças nesta idade manifestam um especial interesse pela música. De acordo com as entrevistadas, os bebés desde os primeiros meses de vida mostraram sinais de interação com a música e os sons produzidos pelos dispositivos digitais presentes no lar. Observa-se que com o avanço da idade as crianças tendem expressar certas preferências musicais. Por exemplo, o menino da família portuguesa adora as músicas do canal BabyTV e conforme as observações da mãe, o bebé gosta apenas desse canal infantil devido a sua linha sonora que o agrada muito.

***Mãe da família portuguesa (X, menino de 14 meses):** Eu noto que ele prefere este canal, principalmente pelas músicas, porque se eu puser outro, mesmo os desenhos animados, ele não liga nenhuma, vai fazer outra coisa. E se eu colocar nesse canal, ele gosta, Só mesmo no BabyTV, outros ele não liga. Não liga ao Panda, não liga ao GimGum, ao Disney, é mesmo só a este canal.*

Mas as crianças não gostam apenas de músicas infantis. De acordo com as entrevistadas, os bebés adoram conteúdos musicais para adultos, sendo o rádio no carro ou os canais musicais em casa muitas vezes ligados com o objetivo de entreter as crianças. Quando as crianças têm contacto com músicas que gostam ficam atraídas pelo ritmo e tentam dançar ou coordenar seus movimentos com o ritmo do som.

***Avó da família cigana/portuguesa (Y e W, meninas gémeas de 20 meses):** Elas gostam as duas de música, mas também é só quando elas pedem ao tio para pôr música. È daquelas calminhas que elas desde que a mãe estava grávida estão habituadas a ouvir música calminha. E gostam muito de dançar. (...) Gostam também de ver muito aquelas músicas que agora há no canal Panda, que é uma menina a cantar no Panda.*

***Mãe da família russa (Z, menino de 10 meses):** Outra coisa que ele gosta é ouvir música, ele aproxima-se do aparelho de som e eu sei que ele quer e gosta. Eu ponho música e ele está a ouvir e quer dançar.*

***Mãe da família ucraniana/romena (Q, menino de 24 meses):** No youtube, no telemóvel, na televisão ele gosta muito de música. Eu ponho um canal de música e ele está a dançar.*

*Mãe da família portuguesa (X, menino de 14 meses): Ele ouve música, mas é no rádio, no carro. Ele escolha as músicas, quando ele gosta da música, ele dança, faz o movimento de dança, mas tem de gostar. De cor há um que eu já sei que ele gosta, mas é música para adultos, mas ele gosta ali daquela batida e dança.*

Segundo as entrevistadas, nenhuma das crianças dispõe de televisão no quarto. Neste contexto, é preciso mencionar que três crianças de três famílias (portuguesa, russa e ucraniana/romena) continuam a dormir com a mãe no mesmo quarto e que as das famílias estrangeiras não têm quarto próprio. Ainda neste caso, é curioso observar que mesmo que as crianças não tenham quarto próprio ou televisão no quarto, elas têm acesso à televisão no quarto dos pais. Nessa ordem de ideias, as mães mencionam que os bebés costumam assistir televisão no quarto dos pais antes de adormecer ou na hora de acordar e nem sempre os conteúdos visualizados são adequados para crianças.

*Mãe da família ucraniana/romena (Q, menino de 24 meses): Ele está connosco no quarto e muitas vezes adormece com a televisão ligada, enquanto eu estou a ver.*

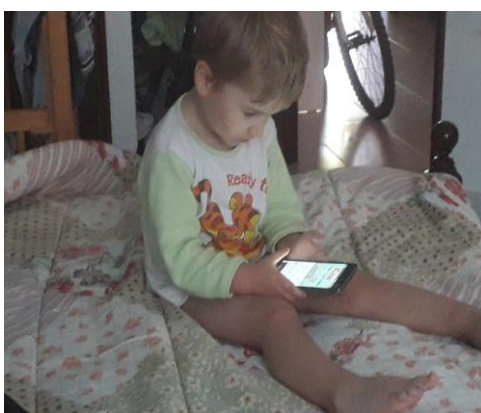
*Mãe da família portuguesa (X, menino de 14 meses): Não tem o quarto dele, mas ele dorme na caminha dele no meu quarto ainda e costuma ver televisão no nosso quarto. (...) No fim de semana dormimos de manhã, as vezes ele acorda mais cedo e eu ligo a televisão e ele fica deitado a ver televisão.*

Apesar de a televisão ser o meio mais utilizado pelas crianças pequenas, as entrevistadas referem também o smartphone e o computador como dispositivos digitais alternativos. O acesso das crianças a esses dispositivos parece ser muito mais mediado pelos pais. Neste caso, os bebés requerem a ajuda dos pais e dos irmãos mais velhos para conseguirem ter acesso aos conteúdos através desses dispositivos. De acordo com as entrevistadas, todas as cinco crianças do estudo já experimentaram os ecrãs do smartphone e do computador. Contudo, constata-se que nenhuma das crianças nesta idade tem um dispositivo digital próprio.

Observa-se através do estudo que a apropriação do smartphone e do computador pelos bebés depende de vários elementos ligados à família. Entre estes, nota-se que os mais importantes se referem ao nível de educação dos pais e ao número de membros em família. Assim, no caso da família ucraniana/romena, o menino de 24 meses parece ser muito estimulado para utilizar o smartphone e o computador pelos seus irmãos mais velhos que costumam fazer bastante uso destes dispositivos e que tomam conta dele na ausência dos pais. Além disso, a mãe que tem concluído o 9º ano, não parece estar muito consciente dos riscos aos

quais a criança è exposta durante o seu uso. Ao mesmo tempo, a mãe da família portuguesa que tem uma licenciatura, parece muito preocupada com os efeitos de longa duração que o uso precoce e exagerado do smartphone e outros dispositivos digitais pode ter sobre o desenvolvimento da criança e o relacionamento afetivo na família.

No que se refere às competências digitais dos bebés relacionadas com o uso do smartphone e do computador, observa-se que as crianças não conseguem manusear de modo autónomo estes dispositivos, mas uma vez que ficam ligados e desbloqueados, tornam-se aptos de aceder conteúdos, tais como fotografias ou vídeos no Youtube. Também os bebés são incentivados pelo exemplo de apropriação dos familiares que estão a utilizá-los na sua presença.



Q (24 meses) da família Ucrâniana/romena a ver vídeos no telemóvel da mãe

**Mãe da família ucraniana/romena (Q, menino de 24 meses):** E no telemóvel se for desbloqueado consegue entrar no Youtube, ele vê o triângulo vermelho e vai com o dedo sozinho.

**Mãe da família portuguesa (X, menino de 14 meses):** No telemóvel, aí sim ele mexe com o dedo com intenção.

**Avó da família cigana/portuguesa (Y e W, meninas gémeas de 20 meses):** Elas veem TV e vídeos nos telemóveis, computador e tablete às vezes. Quando querem, quando veem o tio a mexer no computador ou no telemóvel, ou estão a ver-me a mim também.

Um outro aspecto importante a considerar no contexto da apropriação das tecnologias digitais pelas crianças pequenas refere-se às características linguísticas de cada família. Observa-se que todas as crianças preferem assistir vídeos na língua falada pela mãe, mas no caso das famílias bilingues e multilingues as crianças costumam assistir conteúdos em várias línguas. Além disso as entrevistadas parecem estar a concordar com esse fenómeno, explicando que nesta idade as crianças não são motivadas pela interpretação da mensagem, mas sim, pelas imagens e sons atrativos. Assim, no caso da família portuguesa, o bebé assiste à televisão só em português, embora a mãe acrescente que o canal que ele costuma assistir tem programas com elementos de inglês.

*Mãe da família portuguesa (X, menino de 14 meses): É mais o português, as vezes é inglês também. Há brinquedos que também já trazem línguas. O BabyTV também tem coisas em inglês, aquilo não é bem desenhos animados, é palavras, os números também, as vezes.*

A avó da família portuguesa/cigana também indica o português como a língua principal em qual as meninas costumam apropriar-se dos conteúdos digitais. É interessante observar que as meninas ouvem música em espanhol, sendo que a avó tem origens espanholas. Os conteúdos em inglês aparecem como o estímo de aprendizagem dessa língua.

*Avó da família cigana/portuguesa (Y e W, meninas gêmeas de 20 meses): Em português principalmente. As vezes a música que ouvem é espanhola e inglês também. A mãe delas agora quer que as meninas aprendam inglês, que a mãe sabe bem inglês. Então ela de vez enquanto diz-lhes palavras em inglês que é para elas repetirem. Mas acho que as meninas gostam mais de português.*

A mãe da família russa aponta que o bebê costuma assistir televisão e vídeos e ouvir música em russo e português.

*Mãe da família russa (Z, menino de 10 meses): Russo e português.*

O caso da família ucraniana/romena é muito rico no que diz respeito ao modo como os membros das famílias se relacionam através das línguas faladas em família e à aplicação das línguas faladas nos meios digitais. Em casa dessa família falam-se três línguas: português, ucraniano e romeno. Neste caso a mãe da família ucraniana fala três línguas nativas: ucraniano, russo e romeno, enquanto o pai só fala romeno. As crianças costumam assistir televisão e vídeos em quatro línguas, sendo a quarta língua o russo. Observa-se que esta diversidade linguística traz à família uma percepção diferente sobre a capacidade da criança de entender e ouvir várias línguas no mesmo tempo. Assim, de acordo com a mãe, a criança pequena vê vídeos no Youtube em várias línguas, mas isso não representa uma dificuldade, enquanto o bebê vai mais a procura da imagem sem prestar muita atenção às mensagens linguísticas.

*Mãe da família ucraniana/romena (Q, menino de 24 meses): Em romeno, português, ucraniano e russo. A Masha e Urso ele vê em todas as línguas que encontra no Youtube, e espanhol e brasileiro e outras línguas, mas isso não é um problema para ele. Ele liga à imagem, não à língua. Na televisão vê desenhos animais só em português.*

A partir dos usos digitais das crianças deste estudo foi possível observar que a apropriação das tecnologias nos primeiros dois anos de vida gera um forte fenômeno de

imitação das personagens e dos modelos de comportamentos representados pelos meios digitais. Nesse sentido, as teorias sobre o desenvolvimento cognitivo infantil sustentam a ideia de que a imitação faz parte importante do processo de desenvolvimento cognitivo e da aquisição da linguagem pela criança (Moura, 2002). Para Piaget, Vigotsky e Wallon a imitação faz parte da aprendizagem simbólica, onde a criança é vista como um elemento ativo a interagir com o seu meio de desenvolvimento (La Taille, 1992). De acordo com os pais entrevistados, quatro das cinco crianças do estudo manifestam comportamentos imitativos ao assistir conteúdos digitais. E neste contexto é importante salientar que os pais mostram-se muitas vezes surpreendidos pelos comportamentos de imitação das crianças. Observa-se que os bebés tendem imitar as personagens dos média de uma maneira extrema sem diferenciar a realidade de ficção.

*Mãe da família russa (Z, menino de 10 meses): Ele está a imitar a Masha. Se a Masha chora, ele faz outra cara. Se a Masha está a rir, ele também fica todo feliz. Se ele vê que a Masha está a chorar, ele começa a chorar também.*

A mãe da família portuguesa foi a única que mencionou ainda não ter notado no bebé nenhum comportamento de imitação.

Dessa forma, conclui-se que a apropriação das tecnologias digitais pelas crianças com menos de dois anos de idade è fortemente relacionada com as características de desenvolvimento infantil que determinam as habilidades das crianças de interagir com os dispositivos media. No mesmo tempo observa-se que a iniciação do processo de apropriação dos bebés é influenciada pelas variáveis culturais das famílias como a naturalidade e níveis de educação dos pais, línguas faladas e número de membros em família, contexto digital nos lares.

## ***5.2 Percepções dos pais sobre as tecnologias digitais em famílias com uma origem cultural diferente do contexto cultural da sociedade onde vivem***

Como se pode verificar através dos dados do presente estudo, para as duas famílias de imigrantes que fazem parte da amostra, as novas tecnologias digitais são importantes por possibilitarem o contacto frequente com os seus familiares dos países de origem.

As duas famílias são emigrantes do Leste Europeu e afirmam que os motivos económicos representam a principal razão de imigração para Portugal. Tendo em consideração o contexto histórico-socio-cultural dos países de Leste Europeu e as declarações das mães entrevistadas, entende-se que para a geração destes pais o rádio e a televisão foram os únicos



dispositivos de média aos quais tiveram acesso nos países de origem durante a infância e mesmo no início da vida adulta.

Nota-se que depois de deixarem de viver nos países de origem e de terem imigrado para Portugal a interação destes pais com os media digitais evoluiu significativamente. Devido à influência do ambiente digital do país de acolhimento, com o tempo, as famílias registaram um maior acesso a meios digitais, surgiram novos usos e formas de apropriação digital, novas práticas socioculturais de acomodação ao contexto cultural da sociedade onde vivem.

Verifica-se que as mães entrevistadas tiveram muito pouco acesso à televisão durante a infância. Elas começaram a assistir televisão só com 7/8 anos no caso da mãe da família russa e 13/14 meses no caso da família ucraniana/romena. Diante deste contexto, observa-se que os pais que nasceram no Leste da Europa foram menos privilegiados pelo contexto destes países a terem acesso a meios digitais, em comparação com as famílias de origem portuguesa que tiveram acesso em família, pelo menos a dois dispositivos digitais desde que se lembram. O acesso limitado das mães imigrantes às tecnologias digitais na infância retrata-se nas suas percepções sobre os usos digitais dos seus filhos que são considerados excessivos. Neste sentido, a mãe de nacionalidade ucraniana não concorda com o modo como os seus filhos se apropriam das tecnologias digitais, argumentando com exemplos de comportamento da sua infância.

*Mãe da família ucraniana/romena (Q, menino de 24 meses): Olha, eu cresci quase sem televisão e não foi nada mau. E se por exemplo será possível que elas (as novas tecnologias) desaparecerem, eu acho que será muito melhor (sorriso). Pelo menos os meus filhos iam brincar mais na rua com outras crianças do que ficarem em casa a ver todos os dias só coisas más. Talvez há crianças que aprendem alguma coisa boa com isso, agora os meus não. Eu quando andei na escola, não precisava de internet para fazer os meus trabalhos de casa e passei a tudo. E as pessoas eram muito mais inteligentes porque agora não sabem duas vezes dois, podem ser no 5º ou no 6º ano e não sabem.*

De acordo com as informações partilhadas pelas mães durante as entrevistas sobre a história pessoal com os media, observa-se uma influência intergeracional nas percepções sobre a mediação parental. Assim, a mediação parental dos usos digitais nestas famílias inclui regras que seguem modelos de crenças parentais transmitidos e compartilhados pelas gerações anteriores, tais como por exemplo deixar as crianças assistir a mais conteúdos audiovisuais no fim de semana, terem uma percepção negativa sobre o uso dos media pelas crianças à noite ou acreditar que a televisão continua ainda inofensiva para crianças.

No caso da família portuguesa de origem cigana, a avó menciona que o valor do amor é mais importante do que os bens materiais para o desenvolvimento harmonioso das crianças em família. Entende-se que para essa família a aquisição de dispositivos digitais não representa uma prioridade, sendo mais valorizada a relação afetiva em família.

*Avó da família cigana/portuguesa (Y e W, meninas gémeas de 20 meses):  
Mostrar-lhe o que é o amor porque há muita criança a sofrer, não é? A gente tenta, já que não lhe podemos dar tudo... Eu dou mais valor ao amor do que aos bens materiais. Em casa foi sempre assim, primeiro eles e depois nós.*

Ainda a avó desta família confessa que tem uma percepção de grande perigo associado à exposição de fotografias de crianças na internet. Ela não concorda com esta prática que é muito desenvolvida no meio das gerações de pais mais novos e diz que o seu maior receio relacionado com as novas tecnologias é o risco de pedofilia.

*Avó da família cigana/portuguesa (Y e W, meninas gémeas de 20 meses):  
Para já, hoje em dia há muita maldade no ser humano. E sabe que o medo que sempre tive, mesmo quando a minha filha era jovem é da pedofilia. Tenho muito receio. Hoje em dia estou farta de dizer à minha filha para não tirar certas fotos às meninas e mostrar porque tudo tem acesso à tecnologia, não é? Então acho que há limites. Pedofilia eu acho que houve sempre, só que agora por causa das tecnologias fala-se mais.*

Diante deste contexto, percebe-se que nesta família as fotografias das meninas têm um valor extremamente pessoal. Este estudo carece de fotografias que apresentassem as meninas em contexto digital desta família por não ter a autorização da avó para tirar fotografias das bebés gémeas, atitude determinada pelas suas percepções sobre os riscos que implica o facto de partilhar fotografias com partes terceiras.

Esta crença está enraizada nos valores religiosos da família que são percebidos, de acordo com avó da família portuguesa /cigana, como muito importantes para a maneira de interpretar o mundo.

Apesar de os pais das famílias imigrantes terem um nível baixo de estudos (o 9ºano) e profissões não qualificadas, observa-se que os lares são ricos em dispositivos digitais. Assim, verifica-se que nestes agregados familiares as tecnologias são percebidas como importantes para vida da família e os principais destinatários e razões de aquisição de meios digitais são as crianças. Parece que os pais são envolvidos num conflito próprio de crenças parentais que, por um lado, querem oferecer aos filhos tudo aquilo que eles não tiveram na infância, e por outro

lado, mostram-se preocupados e ansiosos com os efeitos das novas tecnologias sobre a infância e qualidade do relacionamento em família.

Um outro aspeto relevante que precisa de ser analisado, no contexto das percepções sobre as tecnologias digitais em famílias com uma origem cultural diferente do contexto cultural da sociedade onde vivem é a importância que estas famílias atribuem às tecnologias digitais para comunicar e manter uma ligação afetiva com os familiares dos países de origem. Neste sentido, as tecnologias são percebidas de forma positiva pelas famílias imigrantes, uma vez que possibilitam manter a ligação com a comunidade de origem.

***Mãe da família ucraniana/romena (Q, menino de 24 meses):** Sem telemóvel e internet agora é difícil porque eu estou num país longe e a minha família está lá, eu preciso de falar com ela, isso acho que é bom, sim.*

Observa-se que as novas tecnologias permitem às famílias emigrantes do estudo uma troca regular de informações e notícias do seu país de origem, tornando possível superar as distâncias geográficas, mantendo a memória colectiva, os laços afectivos e a identidade das famílias. De acordo com as mães das famílias russa e ucraniana/romeno a manutenção da continuidade de contacto com a família e cultura de origem é muito importante para elas e para os seus filhos.

***Mãe da família ucraniana/romena (Q, menino de 24 meses):** Eu acho que é muito importante porque temos uma família muito grande e é importante para os meninos saberem a sua língua e conhecerem o seu país. Têm muitos primos, muitas tias, tem que continuar a manter a ligação.*

***Mãe da família russa (Z, menino de 10 meses):** Eu gostaria que as minhas crianças conhecessem as tradições do nosso país e a religião também. Sim, isso é importante para mim.*

Para comunicar com os familiares que se encontram longe do país onde vivem, as famílias emigrantes usam programas de conversação via Internet, tais como Skype e Viber. Além disso, foi possível observar que os pais dessas famílias apropriam-se dos meios digitais utilizando os próprios instrumentos culturais. Eles utilizam preferencialmente a língua nativa para procurar informações na Internet, gostam de ouvir músicas e ver conteúdos digitais provenientes da sua cultura de origem. As práticas parentais de apropriação digital através dos

próprios recursos culturais costumam ser transmitidas para as crianças nestas famílias. Assim, verifica-se que as novas tecnologias digitais são percebidas pelas famílias imigrantes do estudo como um “espaço de expressão” e como “fonte de conteúdos” que se moldam às características e necessidades culturais das famílias. Além disso, o acesso às tecnologias digitais e a possibilidade de utilizá-las para comunicar com as suas famílias de origem podem ser consideradas como uma rede social de apoio, proporcionando assim às famílias uma integração no contexto social do país onde vivem.

### ***5.3 Modos como os pais de diversas culturas gerem o uso de tecnologias digitais dos filhos mais novos***

Neste estudo os pais são vistos como os principais mediadores dos usos digitais das crianças pequenas. As circunstâncias em que os pais recorrem à mediação da utilização das tecnologias pelos filhos dependem fortemente do valor que os pais atribuem aos media digitais. Constata-se através da observação e da análise dos dados da entrevista que as tecnologias digitais costumam auxiliar os pais no processo diário de cuidar das crianças. Indiferentemente das características culturais dos pais, as tecnologias digitais são percebidas em família como positivas, mas ao mesmo tempo desafiadoras por necessitarem de mediação e controlo parental. Assim, por um lado, os pais tiram proveito das vantagens que as tecnologias digitais proporcionam no ambiente familiar e, por outro lado, o uso digital dos media pelas crianças é percebido como algo problemático, que precisa de ser cuidadosamente gerido e controlado pelos pais desde a mais tenra idade.

Todas as entrevistadas das famílias do estudo quando foram questionadas sobre as tecnologias digitais existentes no lar, destacaram logo a televisão como a única que o filho mais novo utiliza. Depois com o decorrer da entrevista percebeu-se que estas crianças se apropriam de outros dispositivos digitais, tais como smartphones e computadores. Nesta ordem de ideias é importante remarcar que uma das características registadas nos países da Europa é o facto dos questionários feitos no âmbito do EU Kids Online demonstrarem que os pais têm pouca percepção dos usos que os filhos fazem dos novos media (Ponte et. al, 2012).

O tipo de mediação mais encontrado em relação à televisão é filtrar os conteúdos que as crianças veem, pois algumas entrevistadas referem que os conteúdos por vezes são inapropriados para elas ou simplesmente não lhe despertam o interesse. Todas as entrevistadas referiram imagens televisivas inapropriadas a que as crianças pequenas têm acesso. Nota-se, contudo, alguma contradição quando acreditam que, como as crianças ainda são muito

pequenas, não ligam muito aos conteúdos visualizados e não estão expostos a riscos relacionadas com o uso dos media nesta idade. Neste sentido, todas mencionaram que gostam de ver séries e filmes em família e a presença das crianças pequenas nestes momentos não é considerada: os bebés na maioria das vezes, brincam ao pé dos pais sem ver o que os pais assistem na televisão. Os pais acreditam na ideia de que as crianças são ainda demasiado pequenas e inocentes para serem expostas a algum tipo de risco relacionado com estes conteúdos de media.

Através da análise das informações partilhadas sobre o comportamento dos bebés, constata-se precisamente o contrário – as crianças desde a mais tenra estão facilmente expostas a conteúdos inapropriados pelos quais podem sentir-se atraídos e mostrar comportamentos de reprodução imitativa.

As crianças do estudo estão autorizadas a mexer nos dispositivos dos pais e dos irmãos mais velhos. A avó da família portuguesa/cigana mencionou que as meninas gémeas já lhe partiram o telemóvel, sendo que as crianças gostavam de mexer e discutiam sempre por causa dele. Depois de ter acontecido este incidente, a avó adaptou outra forma de mediação do acesso das bebés ao smartphone, sendo ela a segurar o dispositivo enquanto as meninas estão a apropriar-se dele.

O menino de 24 meses da família ucraniana/romena tem acesso aos três smartphones da família: quando está com a mãe utiliza o telemóvel dela e quando a mãe trabalha e o bebé fica em casa com os irmãos mais velhos, estes costumam partilhar os seus smartphones com ele. Observa-se que nestas famílias os irmãos mais velhos desempenham um papel importante, já que muitas vezes apresentam ao irmão mais novo vídeos e atividades.

Observa-se que nem todas as famílias do estudo recorrem à mesma dose de mediação, no que concerne à utilização dos media digitais por crianças de tenra idade. De todas as famílias, a mãe da família portuguesa parece ser a mais preocupada com os usos digitais do filho, autorizando só o acesso a conteúdos televisivos infantis. Neste caso o bebé manifesta o seu interesse exclusivamente pelo canal BabyTV, como referimos, e a mãe mostra-se muito satisfeita com a preferência do seu filho. Mais tarde, a mesma mãe indica que usa o seu smartphone como “SOS”, sobretudo em momentos de espera fora de casa quando costuma mostrar-lhe fotografias para o entreter.

De outro lado, no caso da família ucraniana/romena a criança tem acesso livre a todos os conteúdos pelos quais está interessada. De acordo com a mãe, entre as preferências do filho, além de desenhos animados, também figuram vídeos com músicas para adultos, filmes com armas e de terror. Ao ser perguntada se o que o bebé assiste está de acordo com os valores da

família, ela respondeu que não concorda, mas como os filhos mais velhos e o marido gostam destes conteúdos, prefere que ele continue a ver do que começar a fazer birras por ser interdito de continuar a assistir. Ainda, neste caso nota-se por parte da mãe uma preocupação em relação aos conteúdos que o seu filho assiste, mas não intervêm para resolver o problema, sentindo-se provavelmente pouco apoiada pelos outros membros da família.

Outro fator situacional importante que parece influenciar o envolvimento dos pais na utilização dos media digitais pelas crianças de tenra idade é o número e a idade dos outros filhos. Assim, no caso da família ucraniana/romena que tem três filhos com diferenças significativas de idade, o cuidado da criança passa muitas vezes para a responsabilidade dos irmãos mais velhos. Nesta família parece que a prática de cuidar dos irmãos mais novos tem origens nas experiências vivenciadas pela mãe na infância, sendo que ela tinha seis irmãos mais novos de quais era responsável. Além disso, numa família numerosa as tarefas domésticas podem ser mais exigentes, deixando menos tempo para os pais se envolverem na utilização dos media digitais pelos filhos.

As vertentes socioculturais das famílias portuguesa e ucraniana/romena são muito diferentes: a primeira família tem um filho único, um nível socioeconómico médio e a mãe tem um nível alto de estudos e uma profissão relacionada com a mediação das crianças pequenas (Educadora de Infância); a segunda família é uma família numerosa e de baixo nível socioeconómico, com pais de diferentes nacionalidades e níveis baixos de estudo sem qualificação profissional. Estas variáveis socioculturais das famílias influenciam o modo como os pais de diferentes culturas geram o acesso e o uso das tecnologias digitais dos seus filhos.

As circunstâncias em que os pais recorrem às estratégias de gestão da utilização dos equipamentos pelos filhos mais novos dependem fortemente do valor que os pais atribuem aos media digitais. A investigação revelou que os mais importantes valores atribuídos pelas entrevistadas ao uso dos media pelas crianças pequenas são os de divertimento e educação.

Assim as opiniões positivas das cuidadoras se relacionam com os efeitos educativos que os media digitais trazem para as crianças pequenas, mas também com efeitos práticos, como por exemplo o facto de a criança permanecer sossegada e os pais terem tempo para realizar as tarefas domésticas. É importante mencionar neste contexto que o valor educativo foi indicado apenas pelas famílias portuguesas, enquanto as famílias estrangeiras referiram só a função de entretenimento do uso dos media pelos bebés.

Na mesma ordem de ideias, observa-se que as opiniões negativas das entrevistadas implicam não só ideias acerca dos filhos adotarem com facilidade hábitos digitais e ficarem viciados nas tecnologias digitais, mas também a ideia de que os brinquedos e as brincadeiras

tradicionais são melhores para o entretenimento do que os equipamentos com ecrãs. Contudo, as cuidadoras parecem desorientadas e pouco motivadas para interferir de algum modo e mudar os hábitos diários de uso digital das crianças pequenas com o objetivo de orientar as atividades dos bebés mais para a interação em família.

Neste sentido, a mãe da família portuguesa foi única a declarar que se sente obrigada a tomar atitudes e começar a acompanhar mais o seu filho nas suas brincadeiras de modo a incentivá-lo a valorizar a brincadeira em vez de tecnologias.

***Mãe da família portuguesa (X, menino de 14 meses):** O que è que eu vou tentar fazer? Vou tentar sair para brincar com ele mais tempo quando ele for mais velho. Agora se calhar ainda não, mas afastá-lo o mais possível. Sentar-me mais a brincar com ele, a fazer construções, por exemplo, para ele se distrair das novas tecnologias.*

A mãe referiu, também, que no seu trabalho observa como é que as crianças são afetadas pelo excesso de tecnologias e enfatiza a importância do tempo aproveitado em família e das brincadeiras mediadas pelos pais nesta idade.

Outro aspecto importante na mediação parental é a falta de regras que controlam o uso dos media digitais pelas crianças pequenas em família. Todas as entrevistadas afirmaram não ter determinado ainda regras de uso devido à idade ainda muito nova das crianças. Parece que elas acham que é preciso poder conversar com os filhos para impor regras. Assim, enquanto as crianças não conseguem se exprimir de forma verbal as regras são deixadas para mais tarde, quando elas forem mais crescidas. É interessante observar que por vezes quem estabelece regras de uso são as crianças pequenas que conseguem manipular através do seu comportamento os pais. A mãe da família ucraniana/romena afirma que os usos digitais do filho mais novo não podem ser controlados sempre, uma vez que a criança consegue manipulá-la com a sua maneira muito insistente de pedir.

***Mãe da família ucraniana/romena (Q, menino de 24 meses):** Com o Q é diferente, pois ele ainda não percebe muito. Ele quando começa a gritar não há nada a fazer, tenho que lhe dar o que ele quer, nem que seja um bocadinho.*

Neste contexto verifica-se que as crenças parentais relativamente às tecnologias e às regras aplicadas não estão sempre interligadas, uma vez que as cuidadoras que referem ter receio de que os seus filhos fiquem dependentes das tecnologias não têm regras relativas ao tempo de utilização e a conteúdos visualizados por meio dos media digitais pelos filhos.

A visão geral sobre os estilos de mediação parental neste estudo segue o modelo de Valkenburg et al. (1999) num modelo de estilos tendo em conta o grau de controlo e envolvimento.

Mediação restritiva é o tipo de intervenção mais frequente encontrado no caso de três famílias do estudo, onde os pais costumam controlar o que os filhos mais pequenos fazem com os media digitais, proibindo determinados programas ou vídeos, estabelecendo tempos de utilização e circunstâncias em que podem utilizar os equipamentos digitais. O único caso diferente de mediação parental foi identificado na família ucraniana/romena que retrata o estilo de mediação parental *laissez - faire*, caracterizado pelo não controlo e envolvimento nas práticas digitais das crianças.

De acordo com as entrevistadas, em todos os casos estudados os pais, tanto a mãe como o pai, recorrem também às tecnologias, utilizando pelo menos um dispositivo digital diariamente. Observa-se que as mães costumam utilizar com frequência um número maior de tecnologias do que os pais.

Verifica-se que em todas as famílias do estudo a co-utilização dos meios digitais acontece da mesma forma. Os momentos de assistir em conjunto a conteúdos digitais são caracterizados pelo estilo de mediação parental permissivo, onde as crianças não têm uma utilização muito controlada pelas cuidadoras, no entanto reagem a solicitações das crianças, comunicando e fazendo co-utilização.

Contudo, as quatro famílias observadas relatam um baixo envolvimento nas atividades digitais dos seus filhos mais pequenos. Os pais justificam o seu baixo envolvimento com a idade muito nova das crianças que ainda não precisam muito de ser mediadas nos seus usos digitais e com a necessidade de manter as crianças acompanhadas enquanto eles realizam tarefas domésticas ou trabalham, indicando que a televisão é a maneira mais eficaz de as manter entretidas.

#### ***5.4 A visão dos pais sobre a importância das tecnologias digitais para a família e primeira infância***

#### **5.5**

A primeira avaliação que as entrevistadas fizeram sobre as novas tecnologias foi evidenciar os seus lados positivos e negativos. Constata-se que a importância dos media digitais depende das percepções que elas têm sobre a criança e vida de família. Os valores familiares



com raízes religiosos exercem também influência nas percepções que os cuidadores atribuíam ao papel das tecnologias para a família.

As entrevistadas referem que as tecnologias são importantes para a família e para a criança, desde que sejam utilizadas corretamente. Isto é respeitar tempos e adequar conteúdos a contextos de visualização. Assim no campo de aprendizagem da criança as tecnologias costumam ser vistas por elas como ferramentas valorosas, proporcionando aprendizagem de línguas estrangeiras, cores, números, formas etc. De acordo com as declarações das entrevistadas, os meios digitais permanecem indispensáveis para adultos, enquanto para as crianças pequenas não são tão importantes.

A mãe da família ucraniana/romena assenta mais as suas percepções nos efeitos negativos dos usos digitais pelas crianças. Ela não acredita no valor educativo das tecnologias para crianças e exprime o seu desgosto com os resultados que estas implicam no seu relacionamento com os filhos e na maneira como as crianças passam a infância. Ela também refere que os seus filhos mais velhos mudaram muito desde que têm o seu próprio smartphone, deixando de acompanhar a mãe e dispensando todo o tempo livre para jogar no telemóvel e computador. A atitude de indiferença por parte dos seus filhos causa-lhe angústia e motivam esta a mãe a interpretar as tecnologias como um “vilão” contra a sua família e a aprendizagem dos seus filhos. Ela refere que preferia que os filhos brincassem mais ao ar livre, socializando com outras crianças e neste contexto, a mãe recorda nostalgicamente a sua infância, passada a brincar ao ar livre com os amigos e quase ausente de atividades relacionadas com os media.

A mesma mãe salienta que o único aspeto positivo que as tecnologias proporcionam está relacionado com a vantagem de poder comunicar e manter vivo o contato com a família que está distante. A mãe da família russa também menciona a possibilidade de comunicar através das novas tecnologias como os familiares da terra de origem e com o marido que na maioria do tempo encontra-se fora do país devido à sua profissão.

*Mãe da família ucraniana/romena (Q, menino de 24 meses): Sem telemóvel e internet agora é difícil porque eu estou num país longe e a minha família está lá, eu preciso de falar com ela, isso acho que é bom, sim.*

*Mãe da família russa (Z, menino de 10 meses): Sim, falo pelo Skype e Viber com a minha família de lá e com o marido quando está a trabalhar.*

Para a família portuguesa de origem cigana, parece que os valores religiosos têm um impacto considerável na forma como é percebida a importância das tecnologias para família. Neste caso, a avó acrescenta o valor do amor e a convivência entre os membros da família como o mais significativo quando comparado com qualquer outro tipo de relacionamento.

*Avó da família portuguesa/cigana (Y e W, meninas gémeas de 20 meses): Eu acho que a televisão é mais para aquelas pessoas que chegam à casa e não conversam porque há casos assim. Nós não, temos muito diálogo entre nós.*

No que diz respeito à importância da interação entre os membros da família, todas as entrevistadas mencionaram o facto de não terem televisão na cozinha principalmente para poderem comunicar uns com outros na hora da refeição. Mas há famílias que indicam o uso conjunto da televisão como um momento de proveito para família. A mãe da família portuguesa afirma que desde que seja para um período de tempo limitado e adequado para todos os membros da família o assistir da televisão em família pode ser uma boa opção de passar tempo de qualidade em família. Por sua vez, a mãe da família russa declara que a ideia de assistir televisão em conjunto com toda a família nem sempre resulta, uma vez que pode gerar conflitos por causa das preferências diferentes de cada membro da família.

Algumas cuidadoras também temem que as crianças se tornem dependentes de tecnologias. Os pais não querem que as crianças prefiram brincar com tecnologias do que brincar com outras crianças, preocupando-se pela falta de socialização e atividades saudáveis no ar livre. Algumas chegam a mencionar que temem que os seus filhos podem ficar viciados em tecnologias e depois não vão interagir mais com o resto da família.



X (14 meses) a brincar com o teclado de um telemóvel antigo

*Mãe da família ucraniana/romena (Q, menino de 24 meses): Sim, acho que se está a afastar de família. Ele está sempre a crescer e depois está sempre a ver coisas na televisão e depois não vai querer saber mais de nós, da família. E ainda está a ver muitas coisas que não são boas nem para ele, nem para ninguém.*

*Mãe da família portuguesa (X, menino de 14 meses): Eu tenho preocupação que ele... Como ele gosta de telemóvel, pronto eu não lhe dou, mas ele gosta e tenho medo que ele depois esqueça-se de brincar e depois vai um bocadinho mais para o lado das novas tecnologias.*

As observações da mãe da família portuguesa - que é educadora de infância - sobre o impacto das novas tecnologias na família e no relacionamento entre pais e filhos remetem para a questão de acompanhamento e interação direta com as crianças. De acordo com ela, a conscientização desse aspecto por parte dos pais é muito importante hoje em dia. A mãe observa no seu meio profissional que as crianças apresentam cada vez mais sinais de violência e ansiedade, sinais que provavelmente são associados ao uso excessivo das tecnologias digitais nos lares familiares e neste sentido, aconselha os pais passarem mais tempo com os filhos em atividades lúdicas.

## **Cpítulo 6**

### **Discussão dos Resultados e Conclusão**

A partir de uma revisão de literatura sobre o desenvolvimento infantil, as etnoteorias parentais inseridas no nicho de desenvolvimento da criança e os resultados de investigações qualitativas focadas na mediação parental do uso que as crianças menores de dois anos fazem das tecnologias digitais, o objetivo deste estudo foi analisar como é que os modos como os pais geram acesso aos meios digitais marcam a interação das crianças com esses meios nos primeiros dois anos de vida, tendo em conta as características de desenvolvimento na primeira infância e influência de vários aspetos proporcionados pelo ambiente cultural das famílias.

Para o efeito foi realizado um estudo exploratório junto de quatro famílias com crianças dessa idade, com características socioeconómicas e culturais diversificadas bem como no número de membros que as diferenciavam umas das outras.

Os resultados sugerem que a uma comum presença das mesmas tecnologias nos lares das quatro famílias correspondem algumas diferenças nas suas práticas, preocupações e mediações.

Relativamente à apropriação das tecnologias digitais pelas crianças com menos de dois anos conclui-se que a apropriação das tecnologias digitais pelas crianças nesta idade se relaciona com duas variáveis: a primeira está ligada a etapas de desenvolvimento infantil que determinam as habilidades das crianças de interagir com os dispositivos media; a segunda é representada pelas características da família nuclear (pais e irmãos) que constitui o principal mediador dos usos digitais pelas crianças pequenas. Desse modo confirma-se os pressupostos centrais das teorias de desenvolvimentos de Piaget (1994), Vigotsky (1991) e Wallon (1981) que referem que a interação com o meio e a apropriação do mundo no qual as crianças já nascem submersas são condicionadas de diferentes tipos de desenvolvimento relacionados com regras biológicas de maturação e desenvolvimento mental, que tem como base exatamente a aprendizagem que a criança realiza no contexto socio-cultural em que está inserida, neste caso no ambiente familiar.

As crianças do estudo foram expostas desde que nasceram a todo o tipo de dispositivos digitais presentes no lar. E neste contexto, através deste estudo, constata-se as tecnologias no ambiente familiar fazem parte do nicho de desenvolvimento (Harkness e Super, 1999) das crianças, organizando o seu dia a dia e facilitando a sua apropriação de novas tecnologias. Contudo, as três mães e a avó destacaram a televisão como o principal dispositivo utilizado

pelas crianças com menos de dois anos. Este aspeto mostra e confirma a importância que os media, em particular a televisão, assumem no quotidiano das gerações muito novas, estando atualmente no topo das suas atividades preferidas (Ponte, 2017). Dessa forma, entende-se que os pais aceitam o uso das novas tecnologias pelas crianças pequenas como um processo que acontece de uma forma inevitável em cada família na sociedade atual.

O contacto com os conteúdos televisivos por parte das crianças pequenas das famílias observadas é incentivado pelas cuidadoras, caso estas concordam com os seus valores morais, e acontece geralmente na sala e no quarto dos pais. As crianças pequenas tendem a ter preferências pelos conteúdos infantis que costumam assistir juntos com os pais ou outros membros próximos da família.

A apropriação das tecnologias nos primeiros dois anos de vida parece gerar um fenómeno de imitação das personagens e dos modelos de comportamentos. Ainda assim, constatou-se que as cuidadoras têm uma forte crença de que nesta idade as crianças ainda são demasiado pequenas para estarem expostas a grandes riscos relacionadas com o uso dos media.

Apesar disso, através da análise das informações partilhadas pelas mães e avó sobre o comportamento dos bebés, verificou-se o contrário – as crianças desde a mais tenra idade estão facilmente expostas a conteúdos inapropriados pelos quais podem sentir-se atraídas e mostrar comportamentos imitativos.

Em relação às percepções das mães sobre as tecnologias digitais em famílias com uma origem cultural diferente do contexto cultural da sociedade onde vivem, observa-se que para as duas famílias de imigrantes que fazem parte da amostra, as novas tecnologias digitais são importantes por possibilitarem o contacto frequente e a continuidade dos laços afetivos com os familiares dos países de origem. O acesso limitado das mães imigrantes às tecnologias digitais na infância retrata-se nas suas percepções sobre os usos digitais dos seus filhos que são considerados excessivos. Além disso, foi possível observar que as mães das duas famílias estrangeiras se apropriam dos meios digitais utilizando os próprios instrumentos culturais, práticas que costumam a ser transmitidas para as crianças destas famílias. De acordo com a concepção de etnoteorias parentais de Harkness e Super (2002), neste estudo observou-se que as práticas culturais e as estratégias de educação das cuidadoras de diferentes origens culturais têm uma forte tendência de preservar a identidade cultural de cada família.

Indiferentemente das características culturais das famílias participantes neste estudo, as tecnologias digitais são percebidas como positivas, mas ao mesmo tempo desafiadoras por necessitarem de mediação e controlo parental. Assim as opiniões positivas se relacionam com

os efeitos educativos que os media digitais trazem para as crianças pequenas e com os efeitos práticos que ajudam a gerir o tempo em família.

De acordo com o modelo de estilos de mediação parental de Valkenburg (1999), no caso de três famílias participantes no estudo foi identificado o estilo de mediação restritiva e um caso de mediação parental *laissez – faire*. A falta de regras em família para gerir o uso dos media digitais pelas crianças pequenas é outro aspecto importante observado na mediação parental, sendo que os pais acreditam que as regras não funcionam com as crianças de idade muito nova.

Entre as principais percepções sobre a importância dos media digitais para a família e primeira infância destaca-se o receio das cuidadoras do que os seus filhos podem se tornar dependentes das tecnologias, desvalorizando a importância do relacionamento afetivo em família e da socialização. Elas expressam o seu desejo para que os seus filhos se envolvam mais em atividades físicas ao ar livre, de preferência junto com família.

È importante observar que o próprio discurso das cuidadoras em torno da presença e da importância dos media na vida das crianças e dos seus possíveis efeitos, não deixa também de ser paradoxal: as mães, tal como outros adultos, queixam-se que as crianças pequenas passam muito tempo a ver televisão, ou assistem conteúdos que nem sempre podem ser considerados adequados para a sua idade e receiam o risco do que as crianças se tornem dependentes de tecnologias , mas no mesmo tempo, a forma como organizam a sua vida de família tende a «empurrar» cada vez mais as crianças pequenas para o mundo dos ecrãs digitais.

Contudo, o presente estudo foi marcado por limitações, como a amostra de conveniência identificar famílias apenas de zonas urbanas, perdendo as experiências de crianças mais novas em zonas rurais. A realização da entrevista apenas com um dos progenitores das crianças alvo do estudo, neste caso com três mães e uma avó, sem considerar as características de mediação dos pais destas famílias, muito mais no caso da família com pais de diferentes nacionalidades, tornou os resultados deste estudo menos representativos para o contexto no qual foi proposto a ser investigado.

Tendo em conta que poucos estudos referem pesquisas sobre os usos digitais das crianças muito novas (Sefton-Green et al., 2016), com este estudo pretendeu-se dar um pequeno contributo para um maior conhecimento desta área de estudo que, no contexto da sociedade contemporânea, torna-se cada vez mais importante para a proteção das crianças pequenas e orientação de diversas famílias no seu percurso de mediação digital.

## Bibliografia

AAP (American Academy of Pediatrics) (2010). “Policy Statement. Media Education.” *Pediatrics* 126 (5): 1012–17. Disponível em <[www.pediatrics.org/cgi/doi/10.1542/peds.2010-1636](http://www.pediatrics.org/cgi/doi/10.1542/peds.2010-1636)>. Acesso em 18 de Fevereiro 2018.

AAP (American Academy of Pediatrics) (2011). “Policy Statement - Media Use by Children Younger Than 2 Years.” *Pediatrics* 128 (5): 1–7. Disponível em <<http://pediatrics.aappublications.org/content/early/2011/10/12/peds.2011-1753>>. Acesso em 20 de Fevereiro 2018

AAP (American Academy of Pediatrics). (2009). “Policy Statement — Media Violence.” *Pediatrics* 124 (5): 1495–503. Disponível em <[www.pediatrics.org/cgi/doi/10.1542/peds.2009-2146](http://www.pediatrics.org/cgi/doi/10.1542/peds.2009-2146)>. Acesso em 18 de Fevereiro 20018.

ALMEIDA, A. M. S (2002). “O que é afetividade? Reflexões para um conceito.” In: *Educação On-line*. Fonte ANPED. Disponível em [http://www.educacaoonline.pro.br/o\\_que\\_e\\_afetividade.asp](http://www.educacaoonline.pro.br/o_que_e_afetividade.asp). Acesso em 2 de Novembro 2017.

Anderson, D.; Huston, A.; Schmitt K.; Linebarger, D.; Wright, jJ (2001). *Early childhood television viewing and adolescent behavior: the recontact study*. USA. University of Massachusetts at Amherst.

Armelin, B., Mello, D. C., & Gauer, G. J. C. (2010). *Filhos do cárcere: estudo sobre as mães que vivem com seus filhos em regime fechado*. Dissertação (Especialização em Segurança Pública e Justiça Criminal) - Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

Austin, E. (1993). “Exploring the effects of active parental mediation of television content”. In *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 37, 147–158

Baumrind, D. (1971). “Current patterns of parental authority”. In *Developmental Psychology Monographs*, 4, pp. 1-102

Baumrind, D. (1991). “The influence of parenting style on adolescent competence and substance use” *The Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95.

Baumrind, D. “New directions in socialization research”. In *American Psychologist*, Washington, v. 35, p. 639-652, 1980.

Bedford, Rachael; De Urabain, Irati R. Saez; Cheung, Celeste H.; Karmiloff-Smith, Annette & Smith, Tim J. (2016). “Toddlers’ Fine Motor Milestone Achievement Is Associated with Early Touchscreen Scrolling”. *Frontiers in psychology*, 7:1108.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora.

Bracht, V., Gomes, I. M., & Almeida, F. Q. (2012). “O pensador da liquidez”. In *Revista Carta Capital*, 13 de abril de 2012.

Brito, R. (2017). *Família.com : famílias, crianças (0-6) e tecnologias digitais*. Editora LabCom-IFP, 2017. – 220p. (LabCom. Pesquisas em comunicação) Disponível em <<http://www.labcom-ifp.ubi.pt>> Acesso em 14 de Dezembro de 2017

Brito, R., Francisco, R. , Dias, P. & Chaudron, S. (2015). “Family Dynamics in Digital Homes: The Role Played by Parental Mediation in Young Children’s Digital Practices Around 14 European Countries”. *Springer Science+Business Media*, LLC 2017

Carvalho J, Fonseca G, Francisco R, Bacigalupe G, Relvas AP (2016). “Information and Communication Technologies and Family: Patterns of Use, Life Cycle and Family Dynamics”. In *Psychol Psychother* 6: 240. doi:10.4172/2161-0487.1000240

Carvalho, J., Francisco, R. e Relvas, A. P. (2015). “Family functioning and information and communication technologies: How do they relate? A literature review”. In *Computers in Human Behavior*. p.45, pp.99–108.

Castorina, José António (1998). *O debate Piaget.Vygotski: a busca de um critério para sua avaliação*. São Paulo: Atica.

Chaudron, S., Beutel, M.E., Černikova, M., Donoso Navarette, V., Dreier, M., Fletcher-Watson, B., Heikkilä, A.-S., Kontríková, V., Korkeamäki, R.-L., Livingstone, S., Marsh, J., Mascheroni, G., Micheli, M., Milesi, D., Müller, K.W., Myllylä-Nygård, T., Niska, M., Olkina, O., Ottovordemgentschenfelde, S., Plowman, L., Ribbens, W., Richardson, J., Schaack, C., Shlyapnikov, V., Šmahel, D., Soldatova, G. and Wölfling, K. (2015). *Young children (0–8) and digital technology: A qualitative exploratory study across seven countries*. JRC 93239/EUR 27052.



Clark M (1983) *Family life and school achievement: why poor black children succeed or fail?* Chicago: Chicago University.

Clark, C, Woodley, J & Lewis, F. (2011). *The Gift of Reading in 2011: Children and young people's access to books and attitudes towards reading*. London: National Literacy Trust.

Cole, M. (1998). *Cultural psychology: A once and future discipline*. Cambridge: Harvard University Press.

D'Andrade, R. G. (1992). "Schemas and motivation". In R. G. D'Andrade & C. Strauss (Eds.), *Publications of the Society for Psychological Anthropology. Human motives and cultural models* (pp. 23-44). New York, NY, US: Cambridge University Press Disponível em <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9781139166515.003> Acesso em 15 de Janeiro de 2018.

Darling, N. & Steinberg, L. (1993). "Parenting style as context: An integrative model". *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.

Dias, P. & Brito, R. (2016). *Crianças (0 a 8 anos) e Tecnologias Digitais*. Lisboa: Centro de Estudos em Comunicação e Cultura, Universidade Católica Portuguesa. Disponível em <<http://goo.gl/obFv4L>>. Acesso em 22 de Fevereiro 2018.

Dias, P. & Brito, R. (2017). "Crianças até 8 anos e Tecnologias Digitais no Lar: Os pais como modelos, protetores, supervisores e companheiros". In *Observatorio Journal* (2017), 072-090  
EMR Policy Institute (2011, May 31). Letter to Jerlean Daniel, Executive Director, National Association for the Education of Young Children.

Fosnot, C. T. (1998). Construtivismo: Uma Teoria Psicológica da Aprendizagem. Em C. T. Fosnot (Org.). *Construtivismo: Teoria, perspectivas e prática pedagógica*. (pp. 25-50), São Paulo: Artes Médicas.

FOSNOT, Catherine Twomey (1999) *.Construtivismo e educação: teoria, perspectivas e prática pedagógica*. Porto Alegre: ArtMed,. (Horizontes Pedagógicos)

Fred Rogers Center for Early Learning and Children's Media (2012). "A Statement on the Development of a Framework for Quality Digital Media for Young Children". Latrobe, PA: Fred Rogers Center for Early Learning and Children's Media at Saint Vincent College.

GALVÃO, IZABEL. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 7ª.ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.(Educação e conhecimento). 134 p

GECAS, V. (1979). "The influence of social class on socialization." In: BURR, W.R.; HILL, R.; NYE, F.I.; REISS, I.L. (Ed.). *Contemporary theories about the family*. New York: Free, 1979. v.1.

GILLEN, Julia, CAMERON, Catherine Ann, TAPANYA, Sombat, PINTO, Giuliana, HANCOCK, Roger, YOUNG, Susan e GAMANNOSSI, Beatrice Accorti (2007). "A day in the life: advancing a methodology for the cultural study of development and learning in early childhood". In *Early Child Development and Care*, vol. 177, n. 2, p. 207–218, 2007.

Goodnow, J. (2010). "Culture. In M. H. Bornstein (Ed.). *Handbook of Cultural Developmental Science*". Nova Iorque: *Psychology Press*, pp.3-20.

Hamel, E., & Rideout, V. (2006). *The Media Family: Electronic Media in the Lives of Infants, Toddlers, Preschoolers and their Parents*. Kaiser Family Foundation, Menlo Park, CA

Harkness, S., & Super, C.M. (1992). Parental ethnoteories in action. In: Sigel, I.E., McGillicuddy-DeLisi, A.V., Goodnow, J.J. (Orgs.). *Parental belief systems: The psychological consequences for children*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, pp.373-391.

Harkness, S., & Super, C. M. (2002). Culture and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Vol. 2. Biology and ecology of parenting* (2nd ed., pp. 253–280). Mahwah, NJ: Erlbaum.

Harkness, S., & Super, C.M. (1992). Parental ethnoteories in action. In: Sigel, I.E., McGillicuddy-DeLisi, A.V., Goodnow, J.J. (Orgs.). *Parental belief systems: The psychological consequences for children*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, pp.373-391.

Harkness, S., & Super, C.M. (1996). *Parents' cultural belief systems: their origins, expressions and consequences: Introduction*. New York, US: *The Guilford Press*, pp.1-23.

Harkness, S., & Super, C. M. (1986). "The developmental niche: a conceptualization at the interface of child and culture". *International Journal of Behavioral Development*, 9, pp.545-569.

Holloway, D., Green, L., & Livingstone, S. (2013). *Zero to eight. Young children and their internet use*. LSE, London: EU Kids Online

Institute of Medicine of the National Academies. 2011. *Early Childhood Obesity Prevention Policies: Goals, Recommendations, and Potential Actions*. Washington. DC: Author. Disponível em <<http://www.iom.edu/~media/Files/Report%20Files/2011/Early-Childhood-Obesity->

Prevention-Policies/ Young%20Child%20Obesity%202011%20Recommendations.pdf>  
Acesso em 9 de Março 2018

Ito, M., Baumer, S., Bittanti, M., Boyd, D., Cody, R., HerrStephenson, B., et al. (2010). *Hanging out, messing around, and geeking out: Kids living and learning with new media*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology.

JOHN-STEINER, V. SOUBERMAN, E. Posfácio. IN: VIGOTSKY, L.S. (2007). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984/2007.

Kabali, H., Irigoyen, M., Nunez-Davis, R., Budacki, J., Mohanty, S., Leister, K., & Bonner Jr., R. (2015). "Exposure and Use of Mobile Media Devices by Young Children". In *Pediatrics*. 136(6), 1044-1050.

KAGITÇIBASI, Ç (2007). *Family, self, and human development across cultures: Theory and applications*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Kehily, M. J. (2013). *Understanding childhood: A Cross Disciplinary Approach*. Policy Press.

Keller, H. (2002). *Culture and development: Developmental pathways to individualism and interrelatedness*. Em W. J. Lonne, D. L. Dinnel, S. A. Hayes & D. N. Sattler (Orgs.). (Unidade 11, Cap. 1). Center for Cross-Cultural Research. Western Washington University, Bellingham, Washington. Disponível em <<http://www.wwu.edu/~culture>>. Acesso em 22 de Janeiro 2018

Keller, H. (2007). *Cultures of infancy*. Mahwah, NJ: Erlbaum.

Koller, Silvia Helena (2004). *UM ESTUDO SOBRE A BRINCADEIRA ENTRE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RUA*. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br> >. Acesso em 23 de Janeiro 2018.

Kuczynski, L. (2003). "Beyond bidirectionality: Bilateral conceptual frameworks for understanding dynamics in parent-child relations". In L. Kuczynski (Ed.), *Handbook of dynamics in parent-child relations* (pp. 1-24). Thousand Oaks, CA: Sage.

Kurcinova, N., Sakr, M. (2015). "Child-father Creative text-making at home with crayons, iPad collage and PC". In *Thinking Skills and Creativity*, pp.59-63.

LAHIRE, B.(1995). *Tableaux de familles*. Paris: Gallimard.

Lauricella, A., Wartella, E., Rideout, V. (2015). "Young children's screen time: The complex role of parent and child factors". *Journal of Applied Developmental Psychology*. pp.11-17.

- LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKYI, L.S., LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 9ª ed. São Paulo: Ícone, 2001.
- Livingstone, S. (2004). “Media Literacy and the Challenge of New Information and Communication Technologies”. *Communication Review*, 7(1), 3-14
- Livingstone, S. (2007). “Strategies of parental regulation in the media-rich home”. *Computers in Human Behavior*, 23, 920-941.
- Livingstone, S., & Helsper, E. J. (2008). “Parental mediation of children’s internet use”. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 52, 4, 581–599.
- Maecelly de Brito Novaes (2015). *Educação Parental e a prevenção intersetorial em Saúde Pública: A promoção do desenvolvimento da parentalidade positiva no Brasil*. Universidade de Coimbra.
- Maria Lucia Seidl de Moura Adriana F. P. Ribas (2002). “Imitação e desenvolvimento inicial: evidências empíricas, explicações e implicações teóricas”. *Estudos de Psicologia* 2002, 7(2), 207-215
- MELCHIORI, Lígia Ebner and ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli (2001). “Crenças de Educadoras de Creche Sobre Temperamento e Desenvolvimento de Bebês”. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2001, vol.17, n.3, pp.285-292. ISSN 0102-3772. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722001000300011>>. Acesso em 28 de Fevereiro de 2018.
- Minuchin, P., Colapinto, J., & Minuchin, S. (1999). *Trabalhando com famílias pobres*(M. F. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- MONTANDON, C.; LONGCHAMP, P. (2003). *L’expérience de l’autonomie chez l’enfant: une question récurrente dans la socialisation de l’enfant*. Genève .Université de Genève, 2003.
- MONTANDON, Cléopâtre (2005). *As práticas educativas parentais e a experiência das crianças*. Educação Social, Campinas, v.26. n.91. Maio/ago.2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 19 de Novembro 2018.
- NAEYC (2009). *Developmentally Appropriate Practice in Early Childhood Programs Serving Children from Birth through Age 8*. Position statement. Washington, DC: Author. Disponível em <[www.naeyc.org/files/naeyc/file/positions/position%20statement%20Web.pdf](http://www.naeyc.org/files/naeyc/file/positions/position%20statement%20Web.pdf)>. Acesso em 16 de Janeiro De 2018
- Nikken, P., & Schols, M. (2015). “How and why parents guide the media use of young children”. *Journal of Child and Family Studies*. doi:10.1007/s10826-015-0144-4

Olga Muro e Silva (2018). "Ser autoritário ou ter autoridade". Revista *Inurban*. Fevereiro 2018, nr.37

OLIVEIRA, M. K.(1997). Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo : Scipione.

OLIVEIRA, M. K..(1992). O problema da afetividade em Vygotsky. In: *LA TAILLE, Y. (Org.) Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, p. 75-84.

Pasqualotti et al.(2008). *Reflexões sobre Problemas de psicologia genética*. Disponível em <<http://usuarios.upf.br>> . Acesso em em 12 de Novembro 2017.

Paus-Hasebrink, I., Sinner, P. & Prochazka, F. (2014). *Children's online experiences in socially disadvantaged families: European evidence and policy implications*. London. EU Kids Online, Disponível em <[http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EUKidsOnlineIII/Reports/Disadvantaged\\_children.pdf](http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EUKidsOnlineIII/Reports/Disadvantaged_children.pdf)>. Acesso em 26 de Fevereiro 2018.

Pauwels, C., Bauwens, J., & Vleugels, C. (2008). Cyberteens: De betekenis van ICT in het dagelijkse leven van Belgische tieners. [Cyberteens: *The relevance of ICT in daily life of Belgian teenagers*]. Retrieved March 24, 2017. Disponível em <<http://www.eprivacy.be/SID-TIRO-PERSMAP-samenvatting-SMIT-VUB-120208.pdf>>. Acesso em 17 de Fevereiro 2018

Pereira, I., Ramos, A. and Marsh (Eds) (2016). *The Digital Literacy and Multimodal Practices of Young Children: Engaging with Emergent Research*. Proceedings of the first Training School of COST Action IS1410, University of Minho, Braga, Portugal, 6th - 8th June, 2016. Braga: *Centro de Investigação em Educação* .

Piaget T, J. (1971). *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar.

Piaget, J. (199). *Aprendizagem e conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos

Piaget, J. (1999). (O pensamento e a linguagem na criança). São Paulo: Martins Fontes

Ponte, Cristina et al. (2008). *Boom digital? Crianças (3-8 anos) e ecrãs*. ERC, 2018. Disponível em <[www.erc.pt/documentos/Boomdigital/mobile/index.htm](http://www.erc.pt/documentos/Boomdigital/mobile/index.htm)>. Acesso em 12 de Maio 2018.

PONTE, Cristina, SIMÕES, José Alberto, BATISTA, Susana, CASTRO, Teresa Sofia, e JORGE, Ana. *Crescendo entre ecrãs. Usos dos média por crianças de 3 a 8 anos – Relatório Final*. Lisboa, Entidade Reguladora para a Comunicação Social, 2017.

POTTER, W.J. (2004). "Theory of media literacy. A cognitive approach". California, *Sage Publications*.

Prensky, M. (2001) "Digital Natives, Digital Immigrants Part 1", *On the Horizon*, Vol. 9 Issue: 5, p.1-6. Disponível em < <https://doi.org/10.1108/10748120110424816>>. Acesso em 12 de Janeiro 2018.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J.S (2007). *Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento*. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> . Acesso em 11 de Novembro 2017.

Ramos, N. (1993). "Maternage en Milieu Portugais Autochtone et Immigré. De la tradition à la modernité. Une étude ethnopsychologique". *Tese de Doutoramento em Psicologia*. Universidade René Descartes. Paris V: Sorbonne.

Roskam Isabelle e al.(2010). *Relations between parenting and child behavior: Exploring the child's personality and parental self-efficacy as third variables*. JC Meunier, I Roskam, DT Browne.

Rui Tinoco; Nuno Pereira de Sousa; Débora Cláudio(2011). *Estilos parentais e Promoção da Saúde. PASSE EE 1ª edição*. Departamento de Saúde Pública Administração Regional de Saúde do Norte,I.P.

Sara Ferreira Reis (2016). *A Relação entre TIC e Funcionamento Familiar – Diferenças entre duas etapas do ciclo de vida familiar*. Universidade de Lisboa.

Schlembach, Sue, Johnson, Marcus (2014). *Parents' Beliefs, Attitudes and Behaviors Concerning their Young Children's Screen Media Use*. NHS Dialog A Research-to-Practice Journal for the Early Intervention Field.

Sigolo, S. R. R. L. (2004). "Favorecendo o desenvolvimento infantil: ênfase nas trocas interativas no contexto familiar". In E. G. Mendes, M. A. Almeida & L. C. A. Williams (Orgs.). *Temas em Educação Especial: avanços recentes* (pp.189-195). São Carlos: Edufscar.

Silva, N. et al (2008) . "Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil". In *Temas psicol.*, vol.16, no.2, p.215-229. ISSN 1413-389X

Silva, P. (2014). "Os Nativos digitais chegaram à escola". In *Roda de conversa*. N.38, p.32-34, 2014.

Silverstone, R. (1999). "Domesticating ICTs". In *Dutton, W.H (Eds), Society on the Line: Information Politics in the Digital Age*, Oxford University Press, Oxford, pp.251-2.

Silverstone, R. Eric Hirsch and David Morley (1992). "Information and Communication Technologies and the Moral Economy of the Household." In *Consuming Technologies*, edited by Silverstone, Roger and Eric Hirsch. London: Routledge. JOURNAL OF EARLY ADOLESCENCE, 11(1), 56-95.

Silverstone, R., Haddon, L. (1996), "Design and the domestication of information and communication technologies: technical change and everyday life". In *Mansell*. London: Routledge.

Super, C. M., & Harkness, S. (2009) "Culture and infancy." In *G. Bremner and T. D. Wachs (Eds.), Blackwell Handbook of Infant Development (vol.1)*. Oxford, England: Blackwell.

UNICEF (2014). *Hidden in plain sight: A statistical analysis of violence against children*. <[https://data.unicef.org/wp-content/uploads/2015/12/VR-full-report\\_Final-LR-3\\_2\\_15\\_189.pdf](https://data.unicef.org/wp-content/uploads/2015/12/VR-full-report_Final-LR-3_2_15_189.pdf)>. Acesso em 26 de Março de 2018)

Valcke, M., Bonte, S., de Wever, B., & Rots, I. (2010). *Internet parenting styles and the impact on internet use of primary school children*. In *mm*, 55, 2, 454–464.

Valkenburg, P., Krcmar, M., Peeters, A., & Marseille, N. (1999). "Developing a scale to assess three styles of television mediation: instructive mediation, restrictive mediation and social coviewing". *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 43(1), 52-66.

Victoria Rideout (2013). *Zero to Eight: Children's Media Use in America 2013*. A Common Sense Media Research Study.

Vygotsky, L. S. (1987). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes

Vygotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes

Wallon, H. (1981). *A Evolução Psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes

WALLON, Henri (1981). *A Evolução Psicológica da Criança* – Lisboa: edição 70.

Wang, R., Bianchi, S., & Raley, S. (2005). "Teenagers' Internet use and family rules: a research note". In *Journal of Marriage and Family*, 67, 1249-1258.

Warren, R. (2001). "In words and deeds: Parental involvement and mediation of children's television viewing". In *The Journal of Family Communication*, 1(4), 211–231

Warren, R. (2003). "Parental mediation of preschool children's television viewing". In *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 47(3), 394-417.

Young, J. (1998). "Babies and bedsharing.... Cosleeping". *Midwifery Digest*, 8, 364-369.

Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas (1992). *Piaget, Vigotsky, Wallon: teorias psdicogemeticas em discussão*. Summus Editorial, 1992-155p.

Zacharias, Vera Lúcia Camara F. (2006) *Vygotsky e educação*. Disponível em <<http://www.centrorefeducacional.com.br/vygotsky.html>>. Acesso em 15 de Novembro 2017.



## Anexos

### Guião de entrevista

#### A. Origem e caracterização familiar

Vamos começar por umas perguntas sobre si e a sua família

1. Podia indicar-me qual é a sua idade, estado civil, profissão, estudos que tem e em que país nasceu?
2. E poderia indicar também a idade do seu cônjuge, profissão, estudos que tem e em que país nasceu?

*APENAS No caso de não terem nascido em Portugal:*

- 2a. Há quanto tempo vive/vivem em Portugal?
- 2b. O que a/o fez mudar de país? (Se for caso)
- 2c. Até que ponto é importante para si a preservação na família da sua identidade cultural de origem? (por exemplo língua, religião, tradições, festas locais, sentimento de pertencimento ao lugar de origem, etc.)
3. Quantos filhos tem? Que idade têm? Onde nasceram os seus filhos?
4. Quem diria que é o principal encarregado de educação da criança/ crianças em família?
5. Quais são as atividades de lazer favoritas da sua família? (registar resposta tal como for dada, não forçar a relação com os média)
6. Qual é a língua/quais são as línguas falada/faladas em casa?
7. A sua família tem alguma afiliação religiosa? Qual é a importância dos valores religiosos na sua família? (é importante, pouco importante, não importa...)

*No caso de ter dito que a religião era IMPORTANTE, perguntar:*

- 7a. Pensa que as suas crenças religiosas influenciam as práticas educativas e

atividades diárias que envolvem os cuidados com os seus filhos? (por exemplo: relacionamento afetivo, construção da identidade religiosa, organização das atividades diárias e de lazer).

Vamos agora falar sobre o dia a dia dos seus filhos:

8. Como é o dia a dia do seu filho/seus filhos durante a semana? E ao fim de semana?(por exemplo: ir à escola, brincar, fazer os trabalhos de casa, ler, ver televisão, atividades extra curriculares, etc.)
9. Os seus filhos brincam ou fazem outras coisas em conjunto com os pais? (se interessar, relacione com a tecnologia) Que tipo de coisas fazem todos em conjunto? (e.g. ver TV, etc.)
10. Há atividades que fazem só com ou o pai? Ou só com a mãe?

#### **B. História pessoal dos pais com os media**

Gostaria agora de saber mais coisas sobre si, a sua infância.

1. Em criança, quais eram as suas atividades preferidas, como é que se entretinha?
2. E em relação à televisão, lembra-se com que idade começou a ver? Viu desde que se lembra?
3. Lembra-se de quais eram os comportamentos dos seus pais em relação ao seu interesse pela televisão e outros aparelhos/ equipamentos para informação e entretenimento) que tinha em casa quando era criança? (por exemplo: encorajavam, limitavam, impunham regras ou eram indiferentes)

#### **C. Descrição do ambiente digital em família**

Gostava agora de saber mais coisas sobre o ambiente digital da sua casa.

1. Que tipo de dispositivos digitais são utilizados no seu lar? (televisão, computador, portátil, DVD, tablet, telemóvel, smartphone e outros)
2. Usa a internet? Todos os dias ou com menos frequência? Usa em casa?

3. Costumam ver filmes ou vídeos no YouTube/ computador/ portátil/iPad/ smartphone, etc.?

*No caso de não ser nativo português:*

3a. Tem contacto com a língua nativa através dos media? (por exemplo através da TV, internet, redes sociais etc.)

3.b Costumam comunicar com os familiares através de programas de conversação via internet? (por exemplo Skype, MSN, Facebook Messenger, WhatsApp, etc.)

4. Em que locais da casa tem acesso à Internet e que membros da família têm acesso à Internet em casa?
5. 6.Qual é o seu uso diário dos media digitais? E qual é o do seu marido/mulher/cônjuge?
6. O seu filho/seus filhos tem televisão no quarto? Tem algum dispositivo digital que seja dele (computador, consola, telemóveis e tablets)?
7. Quanto tempo a criança/as crianças usam os dispositivos digitais num dia típico de semana?
8. E num dia típico do fim de semana?
9. Tem algum ritual de família ligado ao uso dos media digitais como momento da rotina e da vida diária? (por exemplo ligar televisão à hora da refeição, da manhã ou enquanto está a organizar as tarefas domésticas, assistir vídeos na hora de dormir das crianças etc.)

#### **D. Usos e competências digitais da criança menor de dois anos**

Vamos agora conversar sobre a criança mais nova da família.

1. É menino ou menina? Quantos meses tem?
2. Qual é a rotina da criança num dia típico da semana? E num dia típico de fim de semana?
3. Como é que o seu filho se expressa (é só por gestos ou já consegue falar algumas palavras)?
4. O que já consegue fazer sozinho? (por exemplo andar, comer sozinho, identificar objetos, etc.)?
5. O seu filho tem brinquedos preferidos, livros, atividades? Quais? (se interessar,

relacione com a tecnologia)

6. O seu filho gosta de ver coisas nos ecrãs digitais? Que conteúdos gosta de ver?
7. O seu filho costuma ver televisão? Com que idade o seu filho começou a assistir televisão? Quem o incentivou? O seu filho tem televisão no quarto?
8. Durante quanto tempo ele vê televisão num dia típico de semana? E num dia típico de fim de semana?
9. Você costuma assistir a esses programas com seu filho?
10. Que tipo de coisas ele faz quando está a ver TV? (por exemplo canta/dança/brinca) Qual destas atividades notou que é mais prevalente?
11. O seu filho costuma ver TV ou vídeos em alguns destes dispositivos: computador/ portátil/ tablet/; DVD/smartphone? Quando?
12. Em que língua/línguas é que o seu filho costuma assistir programas de TV e vídeos?
13. Em relação aos programas TV e vídeos que o seu filho assiste, o que é que lhe desperta mais interesse?
14. O que ele assiste está de acordo com os valores da sua família?
15. Observou se alguma das brincadeiras/comportamento do seu filho se relacionam com a TV ou um vídeo? Se sim, quais? (por exemplo imitar personagem, sons, comportamentos etc.)
16. A criança consegue fazer algumas coisas sozinha com estes dispositivos? (por exemplo ligar ou desligar, identificar ícones, ligar pausa, aceder o youtube, ativar vídeos, baixar ou aumentar o som, etc.)
17. Qual foi o primeiro dispositivo digital a qual a criança teve acesso pela primeira vez na vida? Como é que foi esta primeira experiência de interação com o aparelho digital? (por exemplo em que circunstâncias aconteceu e como é que a criança reagiu a ele)
18. Como é que evoluíram as preferências da criança? (por exemplo manifesta mais /menos interesse por certas atividades ou conteúdos digitais)
19. A rotina da criança está relacionada com a presença das tecnologias digitais? (por exemplo acordar ou comer com a TV ligada, adormecer com música etc.)

#### E. Considerações e mediação parental

Por fim, gostaria de saber qual a sua opinião como mãe/pai sobre as tecnologias na vida das crianças da família.

1. Acha que as crianças (mais nova e mais velha) beneficiam nesta idade do uso destas tecnologias? Quais (tecnologias)? Porquê? (por exemplo aprende através dos conteúdos digitais)
2. Acha que a utilização das tecnologias pelas crianças interfere, de algum modo (positivo/negativo) na vida da família? (por exemplo influência a interação familiar ou ajudam a organizar o tempo em família)
3. Acha que a criança mais nova está exposta a riscos relacionados com as novas tecnologias? Se sim, quais são e porque? (por exemplo demasiado tempo a utilizar os dispositivos, receio de assistir a conteúdos violentes, riscos de saúde etc.)?
4. Tem alguma preocupação ou dúvida sobre a utilização das tecnologias pelas crianças? Se sim, o que faz em relação a isso? Como procura informar-se? Junto de quem?
5. Existem regras sobre o uso de dispositivos digitais/internet em casa? São as mesmas para todos?
6. Quem estabeleceu estas regras?
7. Todos os membros da família aceitam as regras? Se não, como lida com os membros da família que não as aceitam?
8. Estas regras alteraram-se com o tempo? Se sim, porquê?
9. Os dispositivos digitais servem como recompensa ou punição para os seus filhos? Se sim, como?
10. Tem algum tipo de controlo parental instalado na televisão e nos dispositivos digitais com acesso à Internet?
11. Até que ponto considera que são importantes a televisão e as novas tecnologias digitais para a vida familiar?
12. Há mais alguma coisa que gostasse de me referir sobre este tema?